

editorial

João Valsassina Heitor Diretor pedagógico

Numa altura em que as nossas crianças e jovens dominam, e são influenciados pelas Novas Tecnologias, e em que o acesso à informação não tem fronteiras, torna-se necessário uma reconstrução da escola reforçando o seu papel como veículo transmissor, quer de valores, quer de uma abordagem mais prática e experimental do conhecimento.

Tal como consta do nosso Projeto Educativo desenvolvemos, na Dimensão Académica, o Domínio da Experiência da seguinte forma:

“O grande objetivo no domínio da experiência é aprender a aprender, isto é, refletir sobre o próprio processo da aprendizagem através da observação direta, da manipulação de objetos e instrumentos, de contacto com pessoas, instituições e manifestações de carácter diversificado, que contemplam as várias áreas da atividade humana e conduzem à reflexão sobre os valores.”

Desde cedo os nossos alunos devem ser habituados não só a saber, mas essencialmente a ver e a saber fazer, tomando contacto com a realidade bem como a desenvolver o gosto pela descoberta seja em que área disciplinar for. Seja pelo incremento das Ciências experimentais, seja através do ensino Artes, da Matemática ou do Português ou de qualquer uma das outras disciplinas.

No fundo, reconstruir a escola, implica repensar toda uma forma de ensinar, de transmitir os conhecimentos, de formar os nossos alunos. Obriga-nos a repensar e a modificar as estratégias que utilizamos na sala de aula, de forma a adaptá-las aos novos desafios, a serem mais criativas e a motivarem os alunos para a aprendizagem. Esta é a Educação do Séc. XXI.

Nesta edição da Gazeta são bem exemplo disso como se recorre a estratégias do ensino da matemática no 4º ano do 1º ciclo, utilizando o nosso espaço-quinta. Como será mais motivante estudar o perímetro da circunferência através da descoberta do desenho da calçada do Pátio da Estrela, através de um “*rally-paper* em grupo” do que estar sentado na sala de aula a ouvir o professor a explicar a fórmula de cálculo. Ou como são os exemplos da exploração da Horta no Jardim de Infância ou as atividades experimentais de Ciências no 1º ciclo, a escrita criativa no 3º ciclo e no secundário ou os trabalhos nos agrupamentos de artes. Mas, não é só nas disciplinas tradicionais que tal se verifica.

A transmissão de valores e o desenvolvimento da Dimensão humana têm também um papel fundamental na formação dos nossos alunos. O trabalho de grupo, a reflexão e discussão de temas atuais estão bem expressos nos exemplos das atividades desenvolvidas (em torno) do “Parlamento dos Jovens” e da “Justiça para Todos”.

São apenas uma pequena amostra de como se pode, e deve, construir o novo conhecimento.

Termino com uma citação do nosso projeto educativo relativo ao domínio da Criatividade:

“A criatividade é, essencialmente, a capacidade de responder, de forma inovadora, a estímulos diferenciados que vão das áreas artísticas e culturais, às áreas científicas e de comunicação. A criatividade resulta da promoção de uma expressão não condicionada e da possibilidade de, livremente, levantar hipóteses e apresentar soluções.”

em destaque **Mexer na terra**

Leonor Sampaio Santos Encarregada de Educação do João (5 anos) e do Afonso (4 anos)



“Têm a oportunidade de sentir, cheirar e provar os sabores verdadeiros e onde podem, ainda, maravilhar-se com o que a Natureza nos dá. Afinal, não há livro que se compare com a vivência e nenhum ensino melhor do que a experiência.”

Há alguns anos atrás, li um estudo sobre o que as crianças que vivem nas cidades pensavam da origem dos frutos e legumes. A conclusão era a de que a maioria não sabia que aqueles vinham da terra, das árvores, enfim, da Natureza. Para muitas delas, as bananas nasciam no supermercado, as batatas nos pacotes e outras enormidades que tais. Inacreditável, pensei. Porém, se nos pusermos na pele destas crianças, do que elas vivenciam, as respostas estão longe de serem disparatadas. Disparatado talvez seja o nosso modo de vida, mas esse é outro tema.

Eu vivi sempre na cidade mas, para além de ter muitos engenheiros agrónomos na família, tive a sorte de, durante muitos anos, pelo menos uma vez por ano, ir a Trás-os-Montes, a casa do meu avô. Era uma casa típica daquela região. Os animais dormiam por baixo da casa para a aquecerem no Inverno (o que me deixava sempre à beira da insónia, não fosse a cama cair no meio das vacas). As galinhas entravam dentro de casa e andávamos de burro todas as manhãs. A seguir ao almoço tínhamos de fazer tempo para ir às silvas comer amoras (fruta que só sabíamos ali), pois se as comêssemos quentes podiam dar dor de barriga. Nessas estadias, as nossas tias encarregavam-se de nos ensinar, aos meninos da cidade, o que a terra e os animais davam. E, para nós, tudo aquilo era um assombro. À noite, a minha avó esfregava-me as mãos com tanta força que ainda hoje olho para a escova das unhas como para um instrumento de tortura.

Em casa da minha outra avó, desta feita no Alentejo, havia um quintal, com limoeiros e laranjeiras e sempre que lá íamos, subir às árvores e apanhar laranjas eram tarefas obrigatórias.

Quando tinha a idade dos meus filhos, ainda havia estações do ano e eu sabia que só podia comer morangos de Março a Junho, a seguir vinha a melancia e o melão, os pêssegos e por aí fora.

Hoje sou mãe. Os avós dos meus filhos vivem todos na cidade. Para eles o contacto com a Natureza está mais dificultado e já lhes é difícil acreditar nas quatro estações, tais são as alterações climáticas a que assistimos nos últimos anos. Os meios do comércio internacional permitem que, hoje, quando vamos ao supermercado, tenhamos todas as frutas do mundo à nossa disposição. Muitas delas já prontas a comer, descascadas e sem caroços (e sem sabor).

Se, com toda esta variedade, estamos a dar mais riqueza às nossas crianças, também estamos a amputar-lhes uma parte importante da sua aprendizagem que a natureza inevitavelmente oferece: a de que há um tempo para tudo e que tudo tem a sua época, cada estação dá o seu fruto; e não temos tudo, o tempo todo.

Para mim é fundamental que os meus filhos desfrutem da sua infância, que brinquem sem pressa. Tento, muitas vezes em vão, parar esta correria louca que é a vida de hoje em dia. Desejo que brinquem muito e, sempre que possível, ao ar livre. Espero que respirem bom ar, que mexam muito na terra e que esta lhes ensine que tudo começa com uma semente pequenina, de que precisamos de cuidar e regar com cuidado para que possa medrar. E que, apesar de cuidarmos dela, durante muitos dias não vamos ver nada acontecer (apesar de estar a acontecer). Até que chegará um dia em que estará pronta, pronta para florescer e amadurecer.

Infelizmente, na minha casa só posso mostrar-lhes todas estas coisas através dos livros. Como tal, uma das muitas coisas que valorizo no Colégio Valsassina é a sua quinta, onde há uma horta onde o João e o Afonso plantam alfaces e cenouras com as suas próprias mãos. Onde têm a oportunidade de sentir, cheirar e provar os sabores verdadeiros e onde podem, ainda, maravilhar-se com o que a Natureza nos dá. Afinal, não há livro que se compare com a vivência e nenhum ensino melhor do que a experiência.

Assim, é com muita satisfação que, às vezes, ao final do dia, vou buscar a escovinha das unhas para tirar a terra dos dedos do João e do Afonso. É sinal que brincaram, que se divertiram e que aprenderam, no meio da natureza, como deve ser, que as bananas não nascem no supermercado, nem as batatas nos pacotes.

Falhar no caminho para o sucesso

David Cruz Engenheiro Aeroespacial e Pai de um aluno de 4 anos

O ensino é, indubitavelmente, a chave para o desenvolvimento. Só através de um investimento nos jovens de hoje asseguramos as melhorias que todos esperamos ver amanhã. Por esta razão, a discussão acerca da melhor forma de ensinar aparenta ser infundável. Há infinitas abordagens possíveis e outros tantos constrangimentos. Numa coisa porém, parece haver algum consenso: os métodos de ensino não podem permanecer imutáveis numa sociedade em constante evolução, especialmente considerando o ritmo a que a tecnologia evolui.

Assim, mais do que nos conteúdos, convém refletir nas estruturas mentais e desenvolvimento cognitivo e de carácter dos nossos filhos. Nas entrevistas de emprego cada vez mais as licenciaturas são apenas condições de acesso à posição, sendo o factor diferenciador a atitude do candidato. E é nesse campo que há dois aspetos muito importantes: a maturidade e a resiliência. Vamos então explorar estas duas características.

A maturidade vem de sermos confrontados com situações que nos são desconhecidas, encontrarmos dentro de nós a força, coragem e recursos para superarmos a adversidade e especialmente de aprendermos e crescermos com a experiência.

A resiliência vem da capacidade de nunca desistir, de nunca baixar os braços, de aceitar que cada tentativa falhada nos deixa um passo mais próximo da solução. Todos nós encontramos situações em que a vida nos deita abaixo. Os bem sucedidos são os que apesar disso se levantam e voltam a enfrentar o problema, aprendendo qualquer coisa no processo.

Todos nós temos o potencial para o sucesso. A dificuldade vem de não virar as costas à luta e continuar a insistir, preferencialmente usando novas estratégias. E assim chegamos ao cerne da questão. O caminho para o sucesso vem do trabalho árduo e de irmos experimentando novas abordagens e desafiando-nos a encontrar as soluções menos óbvias. Citando Thomas Edison, inventor de diversos engenhos, mas mais conhecido pela lâmpada elétrica: **“Eu não falhei. Simplesmente encontrei 10.000 maneiras que não funcionaram.”** Deixo-vos um desafio para testarem estas últimas afirmações. Quando confrontados com um enigma, puzzle ou outro desafio semelhante de carácter puramente de entretenimento, quantos de nós é que tentam umas quantas vezes da forma que parece mais lógica e depois desistem, perguntando ou indo ver a solução? E quantos é que persistem e a determinado momento param e se interrogam se a solução óbvia não resulta, porque não tentar uma abordagem menos intuitiva? É esse grupo que está a desenvolver as capacidades dos líderes do futuro. São os que impelidos pela curiosidade e capacidade de desafiar o status quo sem nunca desistirem, reconhecem que o fracasso é necessário para alcançar o sucesso. E é assim que devemos ensinar as nossas crianças. A combater o facilitismo e imediatismo tão em voga, mas colocando-lhes obstáculos no caminho para que os possam transpor dando asas à sua criatividade e capacidade de experimentação. Deixemos os nossos filhos falhar, para os ensinarmos a levantar e perseverar.

“Deixemos os nossos filhos falhar, para os ensinarmos a levantar e perseverar.”



em destaque **Matemática em todo lado**

Ana Paula Ferreira, Irene Costa e Tiago Filipe Professores do 4.º ano



Tarefa 1



Tarefa 2

Para escrever este texto foram usadas 245 palavras e 13 frases. Ao ler estes números, neste momento, também o leitor está em contacto com a Matemática. De facto, ela está aqui e em todo lado...

Saber utilizar a Matemática em situações do dia a dia trata-se de uma competência necessária para uma vida de sucesso. Porém, como é que os alunos aprendem Matemática? Esta pergunta não terá, com certeza, uma resposta única... Algumas convicções têm, contudo, orientado o nosso trabalho.

Acreditamos, por exemplo, que as crianças aprendem a partir das ideias que têm sobre as coisas, digam elas respeito à Matemática ou a qualquer outra ciência, e com o contacto que estabelecem com a realidade que as rodeia e na qual vêem significado. Por outro lado, sabemos que crescem também em interação uns com os outros e com os próprios erros (etapas intermédias de aprendizagem), vendo ouvindo, fazendo, treinando...; isto é de uma forma ativa e fazendo a conexão entre as suas vivências e as aprendizagens escolares.

Mundo Matemático, Os Einsteins da Matemática, Cabecinhas pensadoras..., foram alguns dos nomes dos grupos que surgiram quando pedimos aos nossos alunos que, cooperando, procurassem Matemática no colégio. Isto é, que colocassem em prática aquilo que já aprenderam em contexto de sala de aula e associassem esse conhecimento à escola onde todos os dias entram. Fizeram-no autonomamente, e de forma responsável.

Acompanham este trabalho alguns registos escritos e fotografias que nos permitem partilhar as atividades dos nossos “pequenos matemáticos”.

Guião do trabalho

Investigação matemática

Nome do grupo: _____

Semana de ___ a ___ / ___ / 2016

Materiais necessários

Para realizarem as diferentes tarefas vão precisar de: um guião de trabalho, um lápis de carvão, uma borracha, 10 fitas métricas e de um modelo do preçário do bar do colégio.

TAREFA 1

Dirijam-se para o Pátio da Estrela. Usando as fitas métricas, determinem o raio e o diâmetro da figura que circunda a estrela.

TAREFA 2

Dirijam-se para o campo de voleibol. Usando as fitas métricas, determinem o perímetro e a área do campo.



TAREFA 3

Dirijam-se para o bar da escola. Depois de as cumprimentarem, peçam cordialmente às funcionárias o preçário. Em seguida, sentem-se e resolvam o exercício seguinte.

Ontem, a professora Irene, a professora Paula e o professor Tiago tomaram o pequeno-almoço no colégio. Beberam dois chás e um galão e comeram um pão com manteiga, uma sandes de fiambre e um croissant de cereais com queijo fresco.

A professora Irene decidiu oferecer o pequeno-almoço aos seus colegas. Sortudos! No ato de pagamento, deu à Lena uma nota de 20 euros.

Perguntas: Quanto é que a professora Irene gastou? E quanto é que recebeu de troco?

TAREFA 4

Dirijam-se para a rampa e observem a janela que corresponde à imagem.

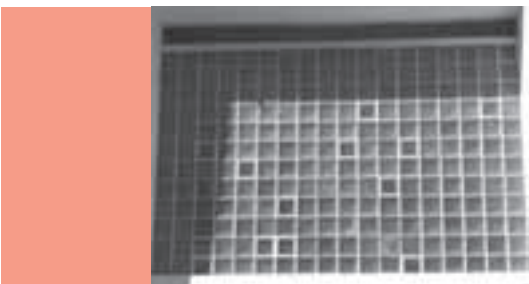
Perguntas: Quantos vidros compõem a janela? De que forma rápida é possível calcular essa quantidade?

TAREFA 5

Dirijam-se para o local onde foi realizada a festa final do ano passado. Sentem-se e observem o vosso redor. Em seguida, façam uma listagem das figuras e dos sólidos geométricos que os diferentes elementos vos fazem lembrar.

CURIOSIDADE HISTÓRICA!

Na capela do colégio existe um painel de azulejos referente ao Dogma da Imaculada Conceição. Nele está inscrita a data MCMXXVIII. A que ano se refere este painel?



Tarefa 4



Painel de azulejos existente na Capela da Quinta

O colégio e a Matemática

Relato escrito, em coletivo, pelos alunos do 4.º C

Nesta semana, mais uma vez, ao percorrermos o Colégio tivemos a oportunidade de observar que estamos “imersos” em Matemática.

Nos diferentes espaços realizámos seis tarefas matemáticas. No Pátio da Estrela e no campo de voleibol trabalhámos geometria e medida.

No bar e no ginásio foram trabalhados números e operações e o cálculo mental.

No “espaço quinta” observámos tudo o que tivesse formas geométricas e que sólidos nos faziam lembrar. Num painel da capela, tivemos que descobrir a data em numeração romana.

Por último, já na sala de aula partilhámos as nossas descobertas e conversámos sobre as diferentes estratégias que utilizámos para chegarmos aos resultados.

Os colegas das outras turmas, com muito entusiasmo, também realizaram estas tarefas.

em destaque



Por que razão é importante trabalhar em grupo?

Opiniões dos alunos do 4.º B

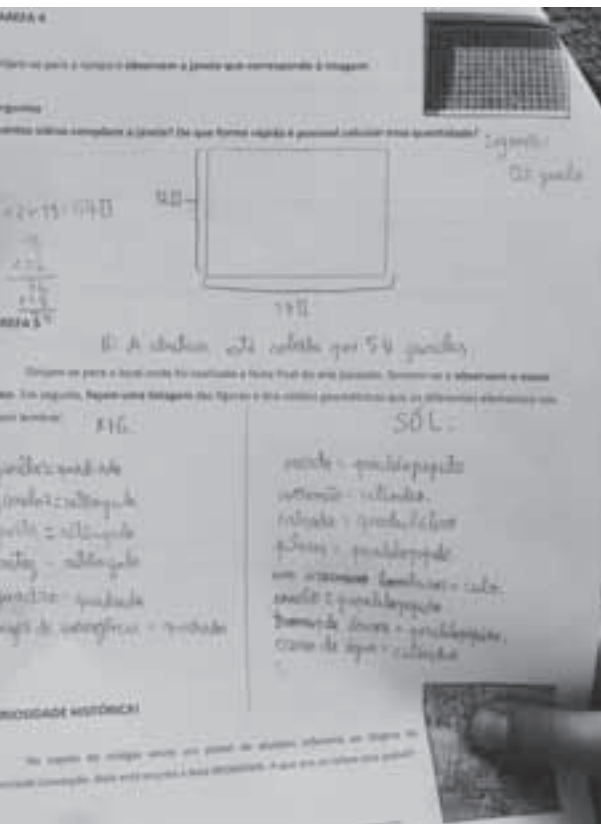
Na nossa opinião, trabalhar em grupo...

- é podermos trocar ideias e saberes; **(Daniela, Leonor e Luís)**
- torna as coisas mais fáceis; **(Madalena, Ricardo, Lourenço)**
- faz-nos ficar com um melhor conhecimento dessas pessoas; **(Duarte, Luisa)**
- permite-nos aprender de uma forma mais rápida e melhor; **(Rita, Ana Francisca)**
- leva-nos a respeitar as ideias dos outros; **(Martim, Maria Inês)**
- é mais motivante; **(Ana Francisca)**
- é divertido e participamos com mais felicidade e harmonia; **(Guilherme Moura)**
- faz-nos ficar mais confiantes nas tarefas que realizamos. **(Matias)**

Gostámos de fazer estas atividades porque ...

Respostas dos alunos do 4.º A

- ... desperta em nós a curiosidade e ensina-nos a trabalhar em grupo; **(Pedro Martins);**
- ... me diverti a trabalhar matemática. Não pensei que a matemática estivesse em tudo. Trabalhar em grupo também foi fundamental para a nossa autonomia; **(Francisco Felner)**
- ... relembrei alguns exercícios e também porque percorremos o colégio em grupo e trabalhámos em grupo. Foi maravilhoso o que realizámos!; **(Madalena Ramos)**
- ... tivemos de ir a sítios onde estivemos quando éramos pequenos e isto, fez-me lembrar tudo o que passei; **(Kelvin)**
- ... pudemos divertir-nos enquanto aprendíamos. Foi também uma experiência gira porque fizemos tudo em conjunto; **(Carolina Korsnes)**
- ... não sabia que se consegui fazer exercícios de Matemática pela escola. Dá-nos conhecimentos e curiosidade para aprendermos; **(Pedro Costa)**
- ... nos ajudaram a discutir opções, umas corretas e outras não; **(Maria do Mar Marques)**
- ... achei importante e engraçado irmos pelo colégio em grupo e ao ar livre. Também gostei de ter sítios específicos aonde ir e termos objetos para observar. **(Carolina Gomes)**



Ciência pelas próprias mãos

Andreia Luz Professora de Ciências Naturais Irene Costa e Tiago Filipe Professores do 1º ciclo



Educar em Ciências é um ato que leva ao desenvolvimento de várias valências no processo ensino-aprendizagem. Não é estanque do processo cognitivo mas amplia-se para o desenvolvimento da pensamento crítico e criativo, assim como é um local de eleição para estimular a autonomia do aluno. Neste sentido, as atividades experimentais são um dos materiais didáticos que podem contribuir para desenvolver, de forma integrada, os saberes específicos de Estudo do Meio e outras competências transversais às restantes áreas do saber (Pinheiro, Cláudia, 2012).

Tem sido reconhecido que a escola e formação inicial desempenham um papel fundamental na promoção e desenvolvimento de cidadãos criativos e com capacidades inovadoras para a aprendizagem futura e para a sua vida profissional (DeHaan RL., 2009).

A evidência sugere que a instrução para apoiar o desenvolvimento da criatividade requer um ensino baseado na investigação que inclui estratégias explícitas para promover a flexibilidade cognitiva. O aluno precisa ser repetidamente lembrado e mostrado como ser criativo, a integrar material em todas as áreas temáticas, a questionar suas próprias suposições e imaginar outros pontos de vista e possibilidades (Pinheiro, Cláudia, 2012).

O trabalho desenvolvido pelas turmas 4ºano B e C resulta da ideia de que o ensino em Ciências deve ser transversal a todos os níveis de ensino e deve ser estimulada a vertente experimental. Para isso a estreita colaboração entre os docentes da área científica e os docentes do 1ºciclo têm sido fundamentais para o desenvolvimento de atividades experimentais adequadas e integradas. Na verdade, com estas atividades procura-se fornecer aos alunos a oportunidade de interagir com o mundo natural em vários contextos (observando, questionando, manipular objetos e informações, medindo), planificar e executar a sua atividade experimental a partir da sua própria hipótese, aprender a manusear o material utilizado em laboratório de forma autónoma e responsável, analisar os resultados obtidos e comunicar.

Na sequência do trabalho que tem sido desenvolvido com os alunos do 1ºciclo procurou-se desenvolver o seu interesse e motivação pela descoberta, auxiliando-os a descobrir o valor do seu raciocínio e a tornarem-se importantes veículos da resolução das suas questões/problema, de forma criativa. A investigação toma assim um sentido participante, descentralizando a aprendizagem do conhecimento científico, não descuidando este último.



em destaque

Ciência pelas próprias mãos

(continuação)



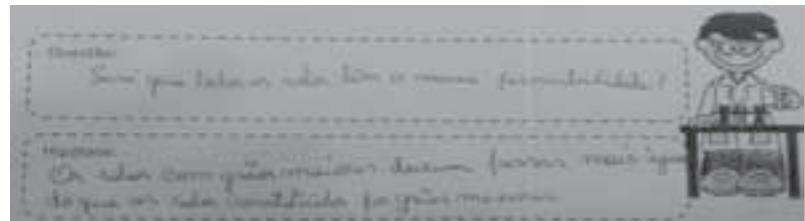
Previamente à implementação da atividade "Permeabilidade dos solos", iniciou-se com um "brainstorming", através do diálogo orientado com os professores e alunos que abordou conceitos necessários para o desenvolvimento da atividade. Procurou-se recordar as propriedades dos solos, o curso dos rios e o ciclo da água, interligando várias temáticas abordadas ao longo do presente ano letivo:

"O que acontece à água que precipita?"

"Quando chove, a quantidade de água é sempre a mesma?"

"Porque é que os rios seguem sempre o mesmo caminho?"

"Todos os solos alagam?"



Maria Madalena Nunes 4.ºB

Passo 1 - Recolha de amostras de solo



Recolher



Guardar



Identificar

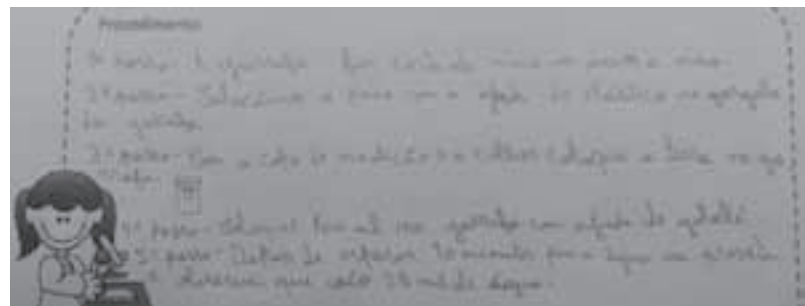
Rita Rodrigues 4.ºB

Amostras identificadas



Rita Rodrigues 4.ºB

Passo 2 - Procedimento experimental

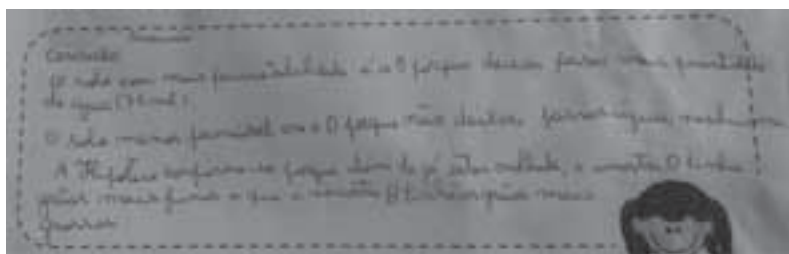


Francisca Baptista 4.ºB



Passo 3 - Resultados

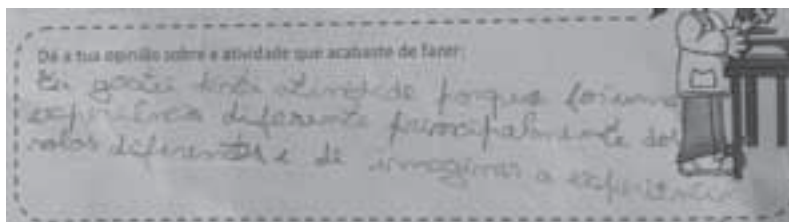
Passo 4 - Discussão e conclusão



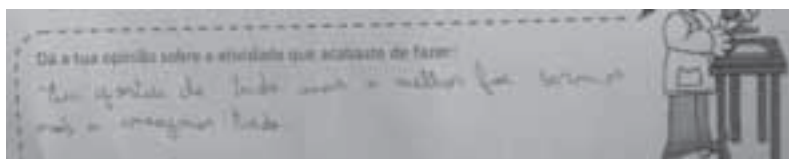
Maria Madalena Nunes 4.ºB

Muitas mais questões foram colocadas pelos alunos e professores e daqui resultou a da Questão/problema e a consequente Hipótese de estudo. Mas como operacionalizar a investigação? Os alunos que já tinham executado atividades laboratoriais/experimentais em que o procedimento experimental lhes tinha sido fornecido, tinham agora o desafio de imaginar como fariam a sua experiência. Após enérgica discussão as turmas decidiram que as amostras de solo não poderiam vir do mesmo local e qual os passos a tomar.

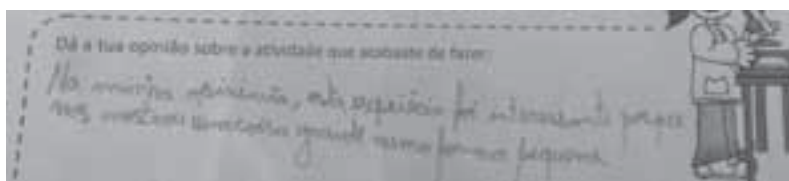
Passo 5 - Relatório e Reflexão



Martim Garcia 4.ºB



Francisca Baptista 4.ºB



Duarte Carvalho 4.ºB

No final a vontade de voltar a repetir a experiência era muita, a curiosidade aumentara...

Bibliografia

- (1) Asay, L. & Orgill, M. (2010). Analysis of essential features of inquiry in articles published in The Science Teacher. *Journal of Science Teacher Education*, 21,57-79.
- (2) DeHaan RL. Teaching Creativity and Inventive Problem Solving in Science. Ebert-May D, ed. *CBE Life Sciences Education*. 2009;8(3):172-181.
- (3) Hadzigeorgiou, Y., Fokialis, P. & Kabouropoulou, M. (2012). Thinking about Creativity in Science Education. *Creative Education*, 3, 603-611.
- (4) Pinheiro, Cláudia (2012). As Atividades Experimentais no desenvolvimento da Autonomia do Aluno: Um estudo de caso no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Dissertação de Mestrado. Braga: Universidade do Minho.

em destaque **As ciências experimentais no Jardim de Infância**

Inês Afonso Educadora de Infância



As salas dos 5 anos iniciaram, este ano letivo, as atividades de ciências experimentais no laboratório. Como escola é nosso dever proporcionar às crianças situações diversificadas de aprendizagem, para exploração de questões e fenómenos que lhes são familiares, aumentando assim a sua compreensão do real.

Numa idade em que a sua curiosidade não tem limites, cada ida ao laboratório tem sido vivida com grande entusiasmo. Estes momentos têm-se revelado de enorme importância na aquisição de conceitos, enriquecimento de vocabulário e até na aquisição de regras, autocontrolo e gestão emocional.

Começámos por realizar atividades experimentais com água. Sendo um elemento fundamental à vida, a água está presente na maior parte das atividades do nosso dia-a-dia, permitindo às crianças um grande número de explorações informais: quando brincam no banho percebem que alguns objetos flutuam e outros não, quando reparam que o açúcar “desaparece” no leite, ou quando enchem e esvaziam recipientes com água... Nestas atividades, as crianças tiveram a oportunidade de explorar aspetos relacionados com os fenómenos de flutuação de diferentes objetos/materiais, da dissolução de diferentes substâncias em água e da conservação do volume em recipientes com formas diferentes.

As atividades propostas seguem um protocolo baseado no método científico: inicialmente é feita uma abordagem sobre o tema da experiência e uma explicação do que se vai fazer; depois, faz-se um levantamento de hipóteses e cada criança regista as suas previsões relativamente à experiência a realizar (feito, normalmente, numa tabela de duas entradas); de seguida realiza-se a experiência e as crianças registam o que observam (na mesma tabela); e, por fim, avaliam as suas previsões, em comparação com os resultados obtidos. No final, numa discussão conjunta, atribui-se significado ao que aconteceu durante a atividade experimental, construindo assim um novo conhecimento.

Durante todo o processo devem privilegiar-se as respostas através de questões que vão sendo colocadas às crianças e não de respostas que lhes são fornecidas pelo adulto. A discussão de ideias entre a educadora e as crianças, permite-lhes atribuir significado ao que vê e experimenta.

A última atividade experimental que realizámos no laboratório foi a da conservação do volume em recipientes com formas diferentes, à qual chamámos de “mais, menos ou a mesma água?”. Esta atividade, tal como as outras, iniciou com uma breve explicação, pela educadora, da atividade que se ia realizar, bem como com a sensibilização para a capacidade da água alterar a sua forma consoante o recipiente em que se insere. Depois, foram apresentados às crianças os diferentes recipientes que iam ser utilizados na experiência: uma luva de borracha, um aquário, uma caixa retangular, uma garrafa de 0,33L e outra de 0,50L.



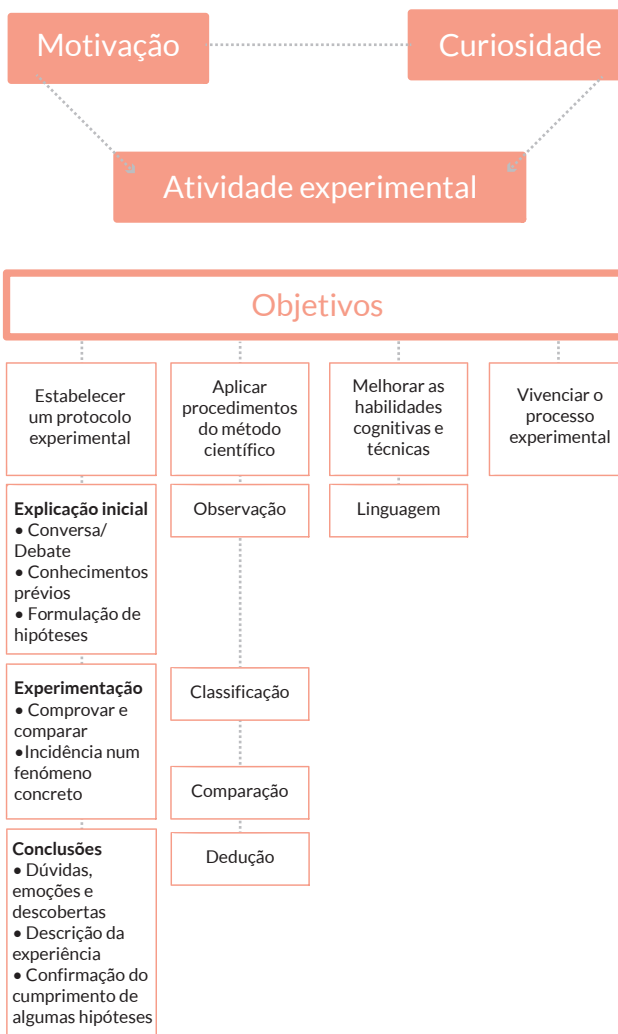
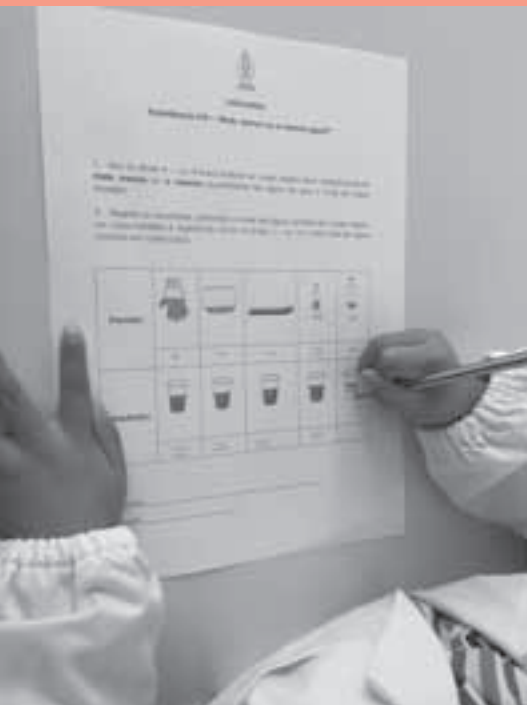
Foi apresentado também, às crianças, um copo-modelo com uma certa quantidade de água. De seguida, foi pedido às crianças que fizessem a sua previsão dos resultados, registando-a na tabela de duas entradas se achavam que cada objeto tinha mais, menos ou a mesma quantidade de água do que o copo-modelo, utilizando os sinais +, - ou =, respetivamente. Depois de feito o registo das previsões individuais, passámos à experimentação e cada criança foi registando, em simultâneo, os resultados obtidos na tabela de duas entradas, utilizando a mesma sinalética. No final, discutimos os resultados, concluindo que, mesmo parecendo que tinham mais ou menos quantidade, todos os recipientes tinham a mesma quantidade de água. As crianças descobriram que:

- “A água era a mesma no copo e na caixa porque na caixa estava toda espalhada e a caixa era maior.” **(Leonor Gomes)**

- “Se o volume do objeto for maior, o nível da água fica mais baixo.” **(Martim)**

- “O nível da água é diferente apesar de ter a mesma quantidade porque a altura e o comprimento dos objetos são diferentes dos do copo.” **(João Francisco)**

- “Se o volume do objeto for mais pequeno, o nível da água é mais alto.” **(João Gomes)**



em destaque **Escrever para recriar o mundo**

Joana Baião Professora de Português

“Nada se cria a partir do nada. O vazio é, por definição, estéril. A criatividade estimula-se, pratica-se.

Estimular a criatividade não é projetar a criança sobre uma folha em branco e pedir-lhe que escreva «o que quiser». A criatividade estimula-se e desenvolve-se através de uma prática que envolve outras (re)criações e o recurso a estimuladores de imaginário.”

María Teresa Meireles, Teresa Lima *in* A Arca dos Contos

O trabalho de incentivo à criatividade na aula de língua, seja ela materna ou estrangeira, é um trabalho de ajuste dos limites. Ser criativo não é ser totalmente livre, não é cair no absurdo ou arriscar estar fora das balizas da comunicação, com o intuito de ser original. A expressão “escrita criativa” surge, de modo geral, como referência à expressão do “eu” com características ou intenções mais ou menos literárias (Matos, 2005, p. 40). O benefício de explorar este modo de escrita na escola parece-nos evidente: podendo o aluno trabalhar-se de modo ficcional, pode também amadurecer as suas ideias, expressar as suas emoções e transformá-las, revelando assim uma capacidade de distanciação que, ao tornar-se literária, o ajudará a crescer.

Neste sentido, e trabalhando a escrita o domínio dos sentimentos e a sua hierarquia, não podemos esquecer o seu caráter axiológico. Escrever é ordenar o mundo. Atribuir-lhe sentidos. Cabe ao professor, reconhecendo a expressão da disposição destes valores nos textos, incentivar a reflexão sobre eles, desafiar o trabalho orientado para determinados temas, possibilitadores do amadurecimento de ideias ainda pouco exploradas.

A escrita criativa permitir-nos-á também combater o medo que as crianças e os jovens têm de errar. A folha em branco é assustadora, uma vez que não nos dá indicações sobre o que deveríamos realizar, deixando-nos entregues a nós e ao medo de não sermos textualmente o que os demais queriam; por outro lado, apresenta-se limitador o conjunto de regras que nos obriga a abordar um tema, revelando-nos prisões que podem não se adequar à nossa sensibilidade. A escrita criativa apresenta-se como

o equilíbrio entre estes dois mundos: oferece algumas diretrizes, suficientemente abertas para que nelas caiba o aluno, os seus pensamentos e emoções, mas oferece também a ausência de regras asfixiantes da expressão prazenteira. Porque, afinal, este prazer é o espaço para brincar, para jogar com a escrita, alcançá-lo na medida em que dominamos as palavras e lhe reconhecemos novos sentidos e formas de uso. A escrita, aliada à criatividade, abre lugar a novas seguranças: se a expressão textual pode ser jogo, então afastamo-nos das esferas do correto e do incorreto, diminuindo assim a pressão da escrita (cf. Mata, 2008, p. 48). Nos momentos de escrita em aula ou em casa, o aluno deverá estar confortável para voltar atrás, para arriscar, para reescrever, de modo a que quando termine o texto possa sentir que este é seu, lhe pertence e lhe exige reconhecimento.

Do ponto de vista do professor, o processo de escrita proposto aos alunos deve ajustar-se como desafio e os desafios devem ser colocados à altura de cada um. A maior dificuldade será a de (re)conhecer os modos de estimular cada aluno para o texto criativo. Os exercícios que realizamos pretendem alcançar dois objetivos: a produção de histórias e o trabalho das emoções. Como podemos iniciar este processo? Como afirma Norton (2001), existem vários caminhos para incentivar a escrita: uma doação de frase para iniciar um texto, uma música que inspire um cenário, uma adivinha ou um jogo com cores podem trazer à superfície textual um leque de elementos enriquecedores da narrativa. Os alunos carregam com eles memórias, vestígios do que leram, viram, absorveram da vida, de outras pessoas, e às vezes não sabem como utilizar tudo o que trazem consigo.



As impressões vindas de contextos longínquos na memória são passíveis de utilização. Quando conversamos em aula sobre o processo de escrita, apercebemo-nos de que muitas vezes nem sabemos de onde nos surgiu determinada imagem, mas adequou-se ao que sentíamos ser necessário ao texto naquele momento e, por isso, cumpriu o seu objetivo.

Quando, numa entrevista, perguntaram a Mário de Carvalho se poderia aconselhar um modo de escrever melhor, ele respondeu: "Leia. E volte a ler, a sublinhar, a tirar notas. Quer aprender a escrever títulos? Vá a uma biblioteca e veja como se arquitetaram uma dúzia deles, e a mesma coisa para aberturas de contos. E passeie por museus, e veja ainda filmes de todos os tipos." Porque ninguém inventa nada, somos inspirados pelo mundo. Também Rui Zink, professor de literatura e de escrita criativa, afirma que **a "imaginação é olhar para o que está à nossa frente e dar-lhe uma volta"**. Por isso, aos alunos pretendemos constantemente oferecer-lhes mais mundo ou, pelo menos, o convite para que tentem explorá-lo. Por isso, insistimos para que leiam, mas também para que vejam filmes, para que ouçam mais música, para que falem mais com todas as pessoas com quem se cruzam. Para que, depois, recriem essas vivências, em processos criativos, em momentos de "roubo" vivencial, literário.

Desafio proposto para aprendizagem do texto narrativo:

"Estás no metro de Lisboa, olha à volta, escolhe uma pessoa e toma-a para personagem pelas suas características especiais"

"São 19:30 de sexta-feira à tarde. A esta hora as pessoas saem dos trabalhos para voltar para casa, logo há bastante confusão nas ruas, no trânsito e nos transportes públicos. E o metro da estação do Saldanha não é exceção. Esta estação, que faz correspondência com a linha vermelha, está apinhada de gente que espera, com certa impaciência, o metro. Alguns esperam sentados, outros esperam perigosamente perto da linha do metro, com medo de perder o lugar.

Finalmente, o metro chega, as pessoas empurram-se para conseguir entrar e, mesmo quando as portas do metro se iam fechar, entrou uma rapariga que parecia ter vindo a correr. Era uma rapariga bonita, apesar de ter o longo cabelo despenteado e as bochechas vermelhas por ter estado a correr. Baixinha e com uma cara um tanto infantil, ninguém ousaria dar-lhe mais que dezasseis anos. Trazia na mão a caixa do que parecia ser um instrumento. Quando finalmente recuperou o fôlego, começou a observar as pessoas à sua volta com os seus penetrantes olhos azuis, fazia-o com certa curiosidade. Depois de olhar à volta, fez um ar zangado e murmurou algo impercetível. Foi aí que deixou a caixa que trazia cair no chão e tirou um violino lá de dentro. Olhou à sua volta mais uma vez e, de repente, as outras pessoas, que antes falavam e estavam de certo modo distraídas a pensar nas suas vidinhas, calaram-se. Instalou-se, então, um silêncio só quebrado pelo som do violino. Ninguém parecia conhecer a bela melodia que a rapariga tocava, mas é certo que toda a gente a estava a apreciar. E, assim, todas as pessoas se esqueceram das suas preocupações e tristezas e deixaram-se apenas envolver pela música". **Mariana Reis 8.º A**

Desafio de escrita proposto no contexto da leitura do livro de contos de Mia Couto Cada Homem é uma Raça:

Neste desafio, foi sugerido aos alunos que escolhessem uma passagem do primeiro conto do livro "A Rosa Caramela", lhe tomassem o tom e criassem uma história paralela, coerente com a história já analisada. Os alunos deveriam utilizar como personagens as estátuas, elemento fulcral da narrativa.

Partilhamos um dos textos que nasceu do desafio e a passagem do conto que o inspirou:

"Chegou a hora, passou a hora. Ele nem veio nem chegou. Os curiosos se foram, levando risos, as zombarias. Ela esperou, esperou. Nunca ninguém esperou tanto tempo assim. Só ela, Rosa Caramela" (p.15), e perguntava-me eu: Será mesmo que perdeu a cabeça? É que se perdeu, eu também perdi, pois eu podia jurar que já a tinha visto com um homem.

Passei todo o dia a pensar no que tinha visto, no que tinha acontecido, perguntava-me se tinha sonhado, se o homem realmente existia ou se o que existia era apenas uma miragem.

Dei por mim no jardim das estátuas, não sei como cheguei até lá, provavelmente afoguei-me nos meus pensamentos e só agora consegui sair da água quando à zona dos empedrados cheguei. Verdade seja dita que das estátuas eu não desgostava, aliás, todos os dias vinha ao parque e entretinha-me a contá-las, cheguei até a decorar o número, eram vinte e uma ao todo e constituíam um pequeno corredor onde existiam dez de um lado e onze do outro. A minha estátua favorita era a última, ela mostrava uma menina muito bonita que tinha uma cesta nas mãos e um rosto que dava paixão só de se olhar, mas não era por isso que eu gostava especialmente dela, era porque ela era a única que não tinha par, por isso, eu fingia ser o seu par, ficava estagnado para que ela não se sentisse sozinha, mas hoje... era diferente.

A estátua arranjou par. Um rapaz alto, jovem e com bons ares posava ali na sua frente. Virei-me para a estátua, mas, antes que pudesse dizer alguma coisa, um choro berrante e de cortar a respiração interrompeu-me. Vinha detrás da estátua. Aproximei-me cautelosamente e vi Rosa ali deitada, olhando para a estátua do homem em ar de transtorno e desespero.

- Porque me deixaste? - gritou Caramela - Responde-me, porquê? Amavas-me demais, de menos?

Foi então que se ouviram as doze badaladas que assinalavam a meia-noite, Rosa calou-se, levantou-se, nem reparou que eu ali estava, e, abraçando a estátua, perdeu-se... deixou-se perder, ela deixava que a morte por ela penetrasse enquanto o sangue lhe escorria pelas mãos e, num último momento, ela olhou a estátua nos olhos e disse:

- Já vou, já vou

Na manhã seguinte, foi encontrada ao pé da estátua, morta, o caso foi dado como "morte trágica". Perguntei a um homem de quem era a estátua ao lado de Rosa Caramela e ele disse-me que era de um homem que tinha morrido há duas noites, bêbedo.

Nessa mesma noite, fui até ao local contar as estátuas, com medo de que, tal como os outros, Rosa também lá estivesse, mas não estava. O que lá estava, ao pescoço do rapaz, era um colar que tinha a forma de um coração. Abri-o só pela curiosidade e o que vi foi algo fascinante, Rosa Caramela e o seu amor juntos, na terra e no céu. Foi assim que eu percebi que, na noite anterior, Rosa não se tinha perdido. Rosa encontrou-se. Encontrei o seu eterno amor." **Pedro Machado 8.º A**

em destaque **Experimental Pessoa**

Um recital improvável

Paula Gonçalves Professora de Português

«Uma língua é o lugar donde se vê o Mundo e em que se traçam os limites do nosso pensar e sentir.»

Vergílio Ferreira



A Língua possibilita o conhecimento de nós mesmos e dos outros, situa-nos no mundo; é o eixo, o motor de formação do indivíduo. Não interessa apoderar-mo-nos apenas de um código linguístico, **importa aprender a ler e a escrever para compreender e transformar a própria realidade.**

Nesta perspetiva, a Semana das Línguas serviu de pretexto para uma viagem de reflexão às múltiplas dimensões da Língua Materna. Os protagonistas entusiastas desta viagem, os alunos das **turmas 1A e 1B, do 12.º ano**, descobriram que a Língua promove o desenvolvimento da criatividade, de aptidões, a partilha de interesses, de pensamentos, de memórias e de afetos, dando espaço à pluralidade de cada um.

A obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa, foi o ponto de partida para um desafio que envolveu os alunos num conjunto de experiências, saberes e processos, onde a individualidade, a reflexão coletiva, a observação de si mesmo e do outro se conjugaram, proporcionando a apreensão e a interpretação no contacto com diferentes universos culturais.

Esta viagem culminou num recital de poesia, que encerrou a Semana das Línguas.

«Esta experiência deu-nos a oportunidade de desenvolvermos as nossas capacidades criativas, pois, apesar de sermos alunos da área de ciências, a literatura e a poesia são componentes muito importantes na nossa formação.»

Duarte Silva 12.º1B

«Não é todos os dias que se consegue associar os Queen a Fernando Pessoa. Foi o que fizemos, e isto prova que a criatividade não tem limites.»

César Sousa 12.º1B

«Esta experiência permitiu-nos interpretar de uma outra forma a poesia de Fernando Pessoa, pois, quando a procurámos relacionar com música, entendemos de maneira diferente, não só o seu ritmo e carácter musical, como também o seu significado mais profundo.»

Miguel Bengala 12.º1B

«O recital de poesia contribuiu para a alargar a nossa experiência no âmbito da criatividade. Foi-nos pedido algo original, e para isso foi muito importante a partilha de ideias inicial, algumas absurdas, outras com imenso interesse, "obrigando-nos" a pensar em algo sempre novo, inovador, diferente e em conjunto, contribuindo também para a experiência do trabalho em equipa.»

Matilde Cruz 12.º1B



«Aproveitando um excerto de uma citação de Florence Nightingale, afirmo: a poesia é "uma das artes; poder-se-ia dizer, a mais bela das artes!". Não são apenas as palavras por si que conferem à arte poética a sublimidade que lhe é característica, mas também a criatividade do autor, a dedicação que este atribui à obra e a sua declamação pública. Inflamados pela poesia incontornável de Fernando Pessoa, e orientados pela motivação incansável da professora, os alunos apresentaram, no Recital, poemas de Mensagem em harmonia com grandes êxitos musicais, sendo que o objetivo era aliar arte, experimentação e criatividade.»

Mariana Carrasco 12.º1A

«A obra de Fernando Pessoa tem uma importância extrema na nossa aprendizagem. Como tal, a realização deste Recital, onde nos foi proposta a criação artística a partir de poemas deste grande autor, musicados por bandas conhecidas, foi um marco importante, na medida em que fomos desafiados a utilizar a nossa criatividade ao mesmo tempo que partilhamos uma experiência nova e construtiva.»

Mariana Almeida 12.º1A

«O Recital de Poesia foi uma das melhores experiências que tive neste colégio. O desafio de utilizar musicalidade para tornar a poesia de Fernando Pessoa num espetáculo não foi fácil e exigiu a entrega e a criatividade máxima dos alunos. E mesmo que não sejamos Mozart, no final dos ensaios, todos nos tínhamos divertido, e é isso que mais importa.»

António Carvalho 12.º1A

«O Recital de Poesia, realizado no âmbito da disciplina de Português, revelou ser uma experiência enriquecedora que, aliada à criatividade e troca de ideias, permitiu promover e desenvolver o trabalho em equipa.»

Mariana Moreira 12.º1A

Foi uma atividade inesperada, algo que parecia sem sentido, mas que na realidade resultou muito bem.»

Ulisses Ferreira 12.º1A

«Esta atividade de experimentação teve como objetivo explorar e incentivar a análise reflexiva da obra pessoana, uma das mais emblemáticas da literatura portuguesa.»

Mafalda Gomes 12.º1A

«A exploração da curiosidade pela interpretação das diferentes vozes de Fernando Pessoa, aliada à experimentação de diversos temas que se unem para transmitir a mensagem da poesia. É enriquecedora a forma como através de uma canção nos apaixonamos pelo que foi o génio da poesia em Portugal.»

Marta Zambujal 12.º1A

«O Recital de Poesia ajudou-nos a desenvolver a capacidade criativa, obrigando-nos a "cruzar" música e poesia e a experimentar diferentes combinações. Esta experiência foi algo de diferente do que geralmente fazemos em aula, tornando-a mais dinâmica e atrativa.»

Artur Fortunato 12.º1A

«O Recital de Poesia teve por base poemas de Mensagem de Fernando Pessoa. No entanto, apostámos no trabalho de equipa e, em grupo, experimentámos diversas melodias que, no nosso entender, se encontram no ritmo do poema. Juntos, unimos criatividade e encontramos a melodia e o ritmo certos; juntos cumprimos o nosso objetivo.»

Catarina Soeiro 12.º1A

«O nosso Recital de Poesia foi, ao fim ao cabo, um culminar de culturas e movimentos musicais. Do rock ao clássico e até ao hip hop, cada atuação trouxe consigo uma visão distinta da poesia de Pessoa e da musicalidade de que esta está incutida.»

João Rosa 12.º1A

«Como Jules Poncaire afirmava "A mente usa a sua faculdade de criatividade apenas quando a experiência a obriga a fazê-lo". O Recital de Poesia, realizado para a semana das línguas, permitiu-nos passar pelos diversos processos de criação artística, desde a escolha de um poema de Fernando Pessoa até à sua adaptação e enquadramento numa música. Os diversos ensaios permitiram uma constante troca de ideias entre grupos e a descoberta de uma unidade, tão procurada por este poeta.»

Rita Pinto 12.º1A

«A transmissão de uma mensagem, através de palavras, pode ser feita de várias maneiras, consoante o efeito que queremos causar no auditório em questão. A ideia de apresentar um Recital de Poesia, no mês passado, teve como principal objetivo proporcionar um momento não só cultural, mas também de entretenimento e criatividade. Esta atividade uniu os alunos que, juntos, abordaram a poesia de uma maneira inovadora, incentivando os presentes a terem uma outra perspetiva em relação àquilo que, aparentemente, poderia não ter mais nenhuma, nem despertar tantas emoções. Foi indubitavelmente uma experiência enriquecedora no que se refere à construção da nossa identidade e espírito patriota.»

Margarida Durão 12.º1A

«O que têm em comum "Carmina Burana", "Xutos e Pontapés" e batalhas de rap? Talvez a semelhança não seja aparentemente óbvia, mas foi esta a ideia subjacente ao **Recital de Poesia realizado pelas turmas 12.º1A e 1B**

educar para a criatividade e cultura

Ser Poeta

Carla Almeida e Paula Gonçalves Professoras de Português

Partindo da análise do poema “Autorretrato” de Alexandre O’Neill, os **alunos do 7º B e C** foram desafiados a criar textos poéticos onde se autorretratassem. Eis alguns exemplos da criatividade dos alunos.

Guilherme é a sua graça
mas todos os chamam de Gui
No seu enorme coração todos
abraça
como ele eu nunca vi.

Amigo como este raro é
encontrar
sempre presente, leal, fiel e honesto
Inteligente e trabalhador sem par
um companheiro reservado e
modesto.

Com apenas doze anos
mais rico fica quem a ele vai
You tube e Family Guy estão nos
seus planos
e já fala de história e política com o
pai.

Quer ser médico ou veterinário
o seu largo sorriso os doentes en-
cantará
Mas o Riscas é que é o milionário
Pois a ele em casa abraçará.

Como o podemos encontrar?
Sei que é alto, bonito e elegante
Espero no seu porto navegar
naquele olhar esverdeado e
vibrante.

Guilherme 7º C

Rapaz moreno,
Simpático, engraçado,
Pequeno e amigo,
Sou eu, Rodrigo!

Sou bastante otimista
Pois gosto de pensar que tudo me
corre bem!
Pessimista não sou,
Pois em todo o mal existe algo de
bom!

Ajudo os meus amigos quando
necessário
Pois não sou mau amigo, muito
pelo contrário
Faço tudo por eles
Porque eu vejo neles
Amizade e felicidade

Posso ser pequeno
Mas tenho uma característica que
pouca gente tem,
Força de vontade
Sem isso eu era um simples zé-
ninguém!

Gosto da minha vida tal como é
Com os amigos que tenho,
Com a família que amo!
E transparente como sou,
Terei um bom desempenho!

Rodrigo Carmo 7º C

(Henriques) Madalena
Tem olhos castanhos
É baixa e simpática
Tem 12 anos
Morena e portuguesa
Sempre com bom ânimo
Diz as coisas com clareza
E quase nunca se chateia
Há quem diga que é teimosa...
Mas muitas vezes sai vitoriosa.

Madalena Henriques 7º B

Leal (Otilia), loira portuguesa,
Cabelo doirado do sol da manhã,
Refletido pelo oceano do olho
azul da riqueza,
Coração de pura lã,
A música é a minha grandeza,
Aquilo que me faz ser campeã.
Voar para além da tristeza,
Para voltar a ser sã.
De quem do amor não veja a
minha beleza,
Sou pessoa que não pode viver
presa!

Otilia Leal 7º B

Leite (Francisca), pele branca
como o algodão,
portuguesa de cara alegre, cabelo
de chocolate,
árvore verde e castanha é o meu
olhar de coração,
testa de três dedos, nariz de arte.
Desporto faz parte da caracteri-
zação.

Viajar no mar, talvez com um iate,
Sonhar, outra vida de sobre-
posição,
Amor cor de escarlate.
De tudo isto preza a minha vida,
então, eu que sobreviva.

Francisca Leite 7.º B

Gomes (Pedro), moreno portu-
guês,
cabelo chocolate avelã; do pensa-
tivo rosto
borbulhas aparecem em grupos
de três,
acne tal que o deixa indisposto.
Óculos na cara, não só uma vez:
usa-os para ver melhor e com
gosto!

Ele é alto como a torre Eiffel!
O seu clube é o Benfica,
não o Penafiel.
Gosta muito de comer (espe-
cialmente se for pastel).

Pedro Gomes 7.º B

Catarina Baltazar, miúda de 13
anos,
(olha o amor indiferente)
Antepassados Americanos
(isso sabe toda a gente)
Cabelo preto, olhos castanhos
(afirma orgulhosamente)
Nunca segue os planos
(pensa com o coração e não com a
mente)

Deixa este poema para a gazeta.
Vai continuar a ser feliz, mesmo
que achem uma “treta”.

Catarina Baltazar 7.º B

E lá vem ela com aquele sorriso...
morena portuguesa, olho
castanho
e face rosada que parece
apaixonada.

Aquele cabelo característico,
vê-se mesmo que tem um dom
fatídico.

O olhar simples, ternurento como
um pasto calorento no seu dia
mais quente.

As bochechas idênticas à de um
rei eloquente.

Estatura média, aparece sempre
acompanhada por aqueles a que
ela chama amigos.

Às vezes é um pouco cruel e
tagarela,
com a cabeça erguida, segue ela
caminho.

Esta sou eu a Beatriz, quem não
gosta

Vá dar uma volta ao chafariz.

Beatriz Maia 7.º C

Morena, mas loura de atitude
Sempre despenteada, por vezes
mal-humorada

O importante é que contém a vir-
tude necessitada.

Corre, corre e corre até encon-
trar a porta da felicidade,

Não sabe o que a espera, mas
mostra-se com muita idade.

Está sempre apaixonada pela pes-
soa mal indicada

Não perde a esperança

E olha para o futuro com a cabeça
levantada.

Maria Coelho 7.º B

Pacheco (Tomás), moreno portu-
guês,

Cabelo longo, orelhas grandes,

As suas borbulhas são muito mais
de três.

Acelerado, não esperem que
abrande!

Se tal sujeito é o que vês,

Como diria o seu irmão, na sua
opinião, chato,

Então não esperes pela tua vez
para lhe pedires ajuda,

Quando ele está parado como um
cato,

Pois ele ajudará, divertidamente,

E depois irá embora, tranqüila-
mente.

Tomás Pacheco 7.º B

Branco como folha de papel,

Cicatriz no olho, mesmo por cima
do sobrolho,

Boca grande de palavra fiel.

Cara de pimpolho

Anda sempre com um farnel,

E faz muito restolho.

Gosta de ir ao vergel

Corre como um piolho,

Quando tropeça deita-se no rel-
vado,

E só depois se apercebe que ficou
todo molhado.

Diogo Pontes 7.º B

educar para a leitura, escrita e criatividade

Escrever a propósito do *Auto da Barca do Inferno*

Teresa Saruga Professora de Português

No âmbito do estudo da obra de leitura integral *Auto da Barca do Inferno* de Gil Vicente, desenvolveu-se uma oficina de escrita nas aulas de Português, a partir de temas relacionados com as várias cenas da peça, contemplando várias tipologias textuais. Apresentam-se alguns exemplos.

Proposta: Depoimento

Imagine que o pajem, acompanhante de Dom Anrique, é convidado a depor como sua testemunha. Apresente o seu depoimento. Cabe-lhe a si decidir, tendo em conta o texto de Gil Vicente, se o Pajem será uma testemunha de defesa ou de acusação e se, por consequência, relatará factos que funcionem como argumentos a favor ou contra o fidalgo.

Bom dia, Excelências.

Estou aqui hoje para defender o meu Senhor D. Henrique. Eu, humilde pajem, fui convidado a depor a favor deste senhor que sempre me apoiou, me deu um teto, comida e o prazer de poder viver na sua companhia e desfrutar da sua presença.

Será justo condenar quem tanto ajudou pessoas de condição tão inferior? Vi coisas e conheci pessoas que alguém da minha condição não poderia sequer sonhar com. É verdade que me deu castigos, açoites, variados sermões, mas nada que não merecesse, mesmo que nem sempre percebesse a razão, pois não posso perceber mentes de tal alcance como a do meu senhor... Um senhor com estatuto, respeitado entre homens e mulheres... Como ele as cortejava!.. Sempre cavalheiro, sedutor, não só com a sua mulher como também com outras que uma vez por outra lá passavam por casa.

Este homem de tão alta condição, adorado por muitos, mas em especial por mim, seu fiel pajem, se for condenado, irá deixar em terra almas mais pecadoras a rezar por ele. Espero que o meu Senhor seja perdoado, e que eu de alguma forma o possa compensar por tudo o que fez por mim.

Não tenho mais nada a dizer, a não ser que me queiram perguntar alguma coisa...

Leonor Neto 9.º A



Proposta:

Suponha que o Diabo conceda ao Fidalgo um último desejo: permitir-lhe que escrevesse uma carta à mulher. Imagine e escreva essa carta.

Inferno, 28 de janeiro de 1497

Querida Amélia Josefa:

Creio que esta vai ser a última carta que receberás da minha parte. Escrevo-lhe apenas para a felicitar e desejar-lhe uma próspera vida ao lado do seu novo senhor.

Aproveito para lhe pedir mais uma vez desculpa por não ter sido o companheiro ideal e a ter traído com outra moça. Agora que aqui estou nos confins do Inferno, tive tempo para refletir em como fui tirano e desonrei a nossa tão nobre classe. Por falar em classe, como estão os nossos pequenos nobres? Têm cumprido com os seus deveres? E os negócios que deixei pendentes? Espero que esteja tudo bem encarrilhado no nosso paço, apesar de nunca ter duvidado da sua capacidade para me substituir.

Recomendo-lhe que não se deixe influenciar pelos camponeses que só querem o nosso dinheiro. Peço-lhe por tudo o que é mais precioso no mundo dos vivos que mude de vida, de princípios, de atitudes e comportamentos e que não leve mais uma vida como a que levámos os dois. A humildade e a moralidade são valores e princípios importantes, não se deve esquecer deles. Seja fiel à Igreja que assim Deus estará sempre consigo e com os nossos filhos.

Uma vez mais lhe digo que apesar de não ter demonstrado da melhor forma, sempre a amei desde o dia da nossa aliança, e si confiei os nossos rebentos e todos os meus segredos. Resta-

-me apenas dizer-lhe que a trago comigo na minha alma com carinho e muito amor por ter sido a esposa que sempre sonhei para mim.

Do seu sempre querido e agora fiel marido,
Henrique
Laura Mota 9.º A

Proposta:

Ao entrar na barca do Diabo, a Alcoviteira encontrou a companheira do Frade, a Dona Florença, que conhecera na Terra já que fora responsável pela ligação desta com o clérigo. Recrie o diálogo entre ambas, agora que se encontram na mesma situação de condenadas.

Ao entrar na barca do Diabo, a Alcoviteira encontra a companheira do Frade, a Dona Florença, que conheceu na Terra já que fora responsável pela ligação desta com o padre.

Brís. Florença!!!!...

Flor. Brísida!!!!...

Brís. Há quanto tempo, minha querida?

Flor. É verdade! Senti tanto a tua falta!

Brís. Estás tão elegante!

Flor. Meu Deus! Tenho tanto para te agradecer! O Frade é um homem magnífico! Foi amor à primeira vista!

Brís. Minha linda! Tens tanto para me contar!

Flor. Pois tenho! Ainda bem que nos encontrámos aqui.

Brís. Então conta-me tudo, tudinho! Com todos os pormenores.

Flor. Ai mas eu nem sei por onde começar!

Brís. Talvez pelo início, minha joia.

Flor. Ainda me lembro como se fosse ontem! Quando tu me libertaste da solidão das ruas escuras e frias e me acolheste.

Brís. Pois é, minha flor, mas ainda mais feliz ficaste quando te dei a conhecer o Frade.

Flor. Sem dúvida! Foi ele que deu cor aos meus dias! Sempre me deu de comer, de vestir e tudo o mais! Ele cuida tão bem de mim! A minha vida passou a fazer sentido a partir do momento em que o conheci.

Brís. Estou tão orgulhosa da minha menina bonita e crescida!

Flor. Ah obrigada! Mas sabes, a parte menos boa é que existe uma pequena coisa que impede a nossa relação... O facto de ele fazer parte do clero impede-nos de casar e ter filhos, mas o Frade diz que Deus perdoa tudo, e o nosso amor é demasiado forte para ser destruído desta maneira... E eu acredito nele. Eu amo-o de verdade, Brísida.

Brís. Eu sei, querida Florença, eu sei... Mas como eu sempre te disse e ensinei, segue o teu coração. Não te deixes derrubar por um mero obstáculo que se imponha no teu caminho. Acredita em ti, e sê forte. Todos nós iremos precisar de força no Inferno.

Flor. Deus nos ajude e dê força, Brísida. Acho que no Inferno vamos precisar muito dela.

Brís. Seja o que Deus quiser... O meu destino também já estava traçado... Agora vai, o Frade parece estar à tua procura.

Flor. Adeus Brísida! Obrigada por tudo!

Brís. Adeus, minha doce Florença. Vai com Deus.

Matilde Fernandes e Sara Santinhos
9.º A

educar para a criatividade e para a escrita

Concurso de escrita criativa

A escrita criativa é tão importante como a livre expressão do pensamento e assenta na nossa capacidade de criar. Ao conseguir escrever criativamente, o aluno ultrapassa as fronteiras da sala de aula e torna-se no protagonista da sua aprendizagem.

No âmbito da semana da Línguas os **alunos do 8º ano** foram desafiados a escrever um texto narrativo de 180 a 240 palavras. O ponto de partida foi “apenas” uma imagem (à escolha dos alunos, a partir de duas propostas). O ponto de chegada? depende da inspiração e imaginação...

Texto premiado com o 1º Lugar

Cabeça nas Nuvens

Era uma vez um menino que passava os dias a olhar para o céu, contemplando as nuvens. À noite, quando dormia, sonhava que conseguia voar como um pássaro até às nuvens e que esculpia formas maravilhosas que as pessoas admiravam lá de baixo.

Todos os dias, quando acordava, o menino tentava construir engenhocas para conseguir chegar lá acima. A sua primeira engenhoca foram asas construídas com penas da sua almofada e por ramos das árvores do seu jardim. A segunda engenhoca foi uma enorme escada. O menino pensava que tinha arranjado solução para o seu problema, começou a reunir paus e pequenos ramos do seu quintal e dos seus vizinhos, mas deparou-se então com outro problema: como é que faria para os paus se aguentarem juntos? Teve então a ideia de utilizar super-cola (que, segundo o seu pai, até conseguia colar uma pessoa ao teto). Depois de colar todos os paus, encostou a escada à pequena árvore do seu quintal, mas assim que subiu os primeiros degraus, os paus começaram a ceder, partiram-se, e o menino caiu.

A partir desse dia, os pais só deixaram o menino ir à rua se estivesse a ser vigiado. O menino passou o resto da sua infância em casa. Apenas estudava e algumas vezes brincava.

Passados muitos anos, depois da faculdade (na qual se distinguira como um dos melhores alunos), começou a trabalhar como engenheiro e decidiu construir um balão de ar quente que o levaria até às nuvens.

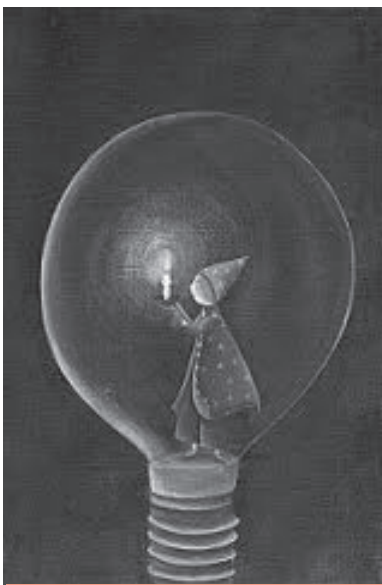
Depois de tanto tempo, finalmente iria realizar o seu sonho, iria dar forma a uma nuvem.

Joana Batista 8.º C



Fonte: Jogo “Dixit”

Ao conseguir escrever criativamente, o aluno ultrapassa as fronteiras da sala de aula e torna-se no protagonista da sua aprendizagem.



Fonte: Jogo "Dixit"

Texto premiado com o 2º Lugar

A Pomba Branca

Esta é a história da pomba branca. Eu sei que pode parecer estranho, mas vocês já vão perceber.

Há muitos, muitos anos, um menino - vamos chamar-lhe João - regressava a casa, ou melhor, à sua pequena quinta, que se situava num daqueles sítios isolados como há tantos por aí, quando teve a impressão de que estava a ser perseguido. Olhou melhor e apercebeu-se de que vinha no seu encaço uma pomba. Olhou para o pobre animal, pensando que estava desorientado, mas assim que se aproximou mais, reparou que este trazia no bico as suas chaves de casa, que tinha perdido há cerca de três meses.

João, agradecido, pegou na ave e levou-a para casa a fim de tratar dela. Instalou-a na sua melhor e maior gaiola, que tinha cerca de quinze metros (esqueci-me de dizer que o João tinha na sua quinta muitas espécies exóticas que guardava em gaiolas douradas, ou jaulas, como preferirem), tendo o cuidado de deixar uma pequena portinhola aberta para ela poder sair, se assim o desejasse. Entretanto, a pomba voou para o sítio mais alto da gaiola, e João reparou que a ave "olhava" por todos os animais. Por exemplo, quando estava prestes a cair um coco sobre a cabeça de um macaco, a pomba desviou-o e voltou em seguida para o seu poiso. Aquela pomba tinha algo de especial, não tinha medo e apenas parecia querer o melhor para os animais e para todos os humanos.

Todas as tardes, João pegava no seu escadote de catorze metros e ficava a observar aquela pequena ave branca. Apenas conseguia pensar na pomba mal chegava a casa, por isso desenhou-a e esculpiu-a no teto do seu quarto, voando bem alto no céu, olhando por tudo e por todos.

Catarina Marques 8.º C

Texto premiado com o 3º Lugar

Pirilâmpados

Criamos lâmpadas para iluminar as nossas casas. Essas lâmpadas são feitas de vidro e estão geralmente presas ao teto. Mas o que não se sabe é que dentro destas bolhas de vidro vive um pequeno ser, aprisionado pelos humanos. Estas criaturas dão pelo nome de pirilâmpados.

Pirilâmpados são como humanos, mas em miniatura. Eles iluminam o espaço à sua volta com uma pequena vela de cera, que se apaga apenas de dia. Nós podemos observar pirilâmpados sem ter de os colocar em lâmpadas, mas assim passariam a ser os vulgares pirilâmpados que vemos a iluminar os campos.

Por causa da caça ao pirilampo, este começou a esconder-se, não queria tornar-se em pirilâmpado. Tinha medo de ficar preso num frasco transparente. Tem, por isso, medo de humanos e prefere viver sem ver um, mas o facto é que se encontrasse um o seu tempo de vida aumentaria.

As crianças que vivem para o lado do campo conseguem ver pirilâmpados ainda livres, a saltitarem no ar, com as suas pequenas velas e a pequena chama escarlata.

De facto, houve um homem que reparou num pequeno pirilâmpado e o libertou da sua prisão de vidro. A criatura ficou grata e prometeu que o iluminaria todas as noites. O homem e o bicho viveram alegremente, mas passada uma semana do acontecimento, o pirilampo chegara ao seu fim.

Estas criaturas nunca poderão viver em paz, pois haverá sempre uma escolha que terão de fazer: viver uma vida feliz ou viver uma vida longa.

Catarina Quelhas 8.º A

educar para para a leitura e escrita

Patrícia Reis começou a sua carreira jornalística em 1988 no semanário O Independente, passou pela revista Sábado e realizou um estágio na revista norte-americana Time, em Nova Iorque. De volta a Portugal, é convidada para o semanário Expresso, fez a produção do programa de televisão Sexualidades, trabalhou na revista Marie Claire, na Elle e nos projectos especiais do diário Público. Editora da revista Egoísta, é sócia do atelier de design e texto 004, participando em projectos de natureza muito variada.

Escreveu a curta biografia de Vasco Santana e o romance fotográfico *Beijame* (2006), em co-autoria com João Vilhena, a novela *Cruz das Almas* (2004) e os romances *Amor em Segunda Mão* (2006), *Morder-te o Coração* (2007), que integrou a lista de 50 livros finalistas do Prémio Portugal Telecom de Literatura, No *Silêncio de Deus* (2008) e *Antes de Ser Feliz* (2009). Considerada como uma das mais originais e poderosas escritoras da atual literatura portuguesa.

Esteve no colégio Valsassina em janeiro durante a Semana do Património para apresentar uma sessão sobre Património da Língua e da Literatura. Foi uma oportunidade para os alunos do 9.º ano conhecerem um pouco mais sobre esta escritora.

Entrevista com a escritora Patrícia Reis

Para si, o que é mais importante no processo de escrita? Tempo ou inspiração?

Não sei quantificar a percentagem de tempo ou de inspiração, tudo depende do livro. Os processos de escrita, no meu caso, não são necessariamente iguais. Um livro pode aparecer sem requerer investigação, outro pede mais tempo. A inspiração é relativa, o talento pode ser maior ou menor, o que valorizo mais é o trabalho. Nenhum livro se escreve sem trabalho sério, afincado. E, para isso, é crucial ter tempo, não apenas físico, mas mental.

Como concilia a profissão de escritora com a de jornalista? Uma tem influência na outra?

São escritas diferentes, contudo sei que a investigação que faço para um romance beneficia da minha experiência enquanto jornalista. Há códigos e regras na escrita jornalística, se quiserem, uma ética que devemos obedecer. Na ficção procuramos sempre a nossa voz, diferenciada, inovadora, outra forma de contar uma história, não há procura pela verdade ou pelo contraditório, a confirmação ou a validação, é um espaço mais livre.

Que influências têm as suas histórias?

Escrevo sobre o meu tempo. O que mais me importa são as relações entre as pessoas, a forma de comunicação, as rupturas e receios, as questões sobre a nosso lugar no mundo. Este é o meu chão de escrita, o meu espaço. Sou influenciada pelos acontecimentos à minha volta, numa escala maior ou menor, porque estou atenta. Ao mesmo tempo, creio que a escrita implica uma sensibilidade quase que exacerbada, portanto digo sempre que "sinto" tudo o que vejo. Consigo ter a imaginação de me transpor para uma situação A ou B. No limite, é a vida que me influencia.

Enquanto leitora qual o livro, ou livros, que mais a marcaram? E quais são as suas referências literárias?

São inúmeros os livros que me marcaram, começando nas leituras da adolescência. Não é possível fazer uma lista, pela simples razão de que somos leitores distintos ao longo da vida. As Confissões de Lúcio, de Mário Sá-Carneiro, foram um murro no estômago aos meus 14 anos. O Amante de Marguerite Duras aos 17. O Camilo Castelo Branco e o Eça de Queiroz são autores que me foram indispensáveis na formação, no trabalho da língua, vocabular. Mas depois seguem-se autores diferentes e todos importam; Agustina Bessa-Luís, Maria Teresa Horta, José Cardoso Pires, Inês Pedrosa, Lídia Jorge, José Saramago e os poetas, que eu não vivo sem poesia. Dito isto, acompanho mais possível os autores que vão publicando e há uma geração de autores de que gosto muito, Valter Hugo Mãe, José Luís Peixoto, Gonçalo M. Tavares. O que importa mesmo é ler. Continuar a ler.

Disse, durante a conferência, que nem sempre tem um final previsto para as personagens. Já lhe aconteceu não saber como acabar a história?

Não, na verdade nunca me aconteceu, porque sei que as personagens tomam uma vida própria e vão conduzindo a escrita até ao final que entendem. Dito assim pode parecer estranho, no entanto a verdade é esta: os personagens tomam conta do autor, guiam-no. No meu caso é assim. Num livro que publiquei há uns anos, *No Silêncio de Deus*, tencionava matar o personagem principal, não consegui. Ele não queria morrer e eu não o consegui matar.

Diz que estabelece uma relação especial com as personagens das suas histórias. Com todas? Só com algumas?

No processo de escrita, que é sempre longo (pode demorar cinco anos), vou criando laços de afecto com os personagens. Quando o livro termina, os personagens podem ir perdendo importância na minha cabeça, vão-se embora. Outros ficam. O Manuel Guerra, personagem do livro *No Silêncio de Deus*, ficou. A Sofia do livro *Por este Mundo Acima*, também ficou, de tal forma que comecei um livro novo tendo-a como personagem principal. Os outros não ficam comigo, calha até esquecer-me do enredo dos livros ou dos nomes dos personagens. A partir do momento em que o livro está no mercado, desligo-me, já não é meu.

Até à versão definitiva do livro, o que acontece? Reformula, faz esquemas, acrescenta?

Até chegar à versão definitiva há um caminho árduo e até doloroso, chego ao fim por cansaço, porque

escrevo, e reescrevo, sou capaz de apagar capítulos na íntegra e recomeçar. Sou capaz de ter escrito na terceira pessoa e passar para a primeira. É o que o livro pede. Não é um ofício fácil e é muito solitário, por isso importa ter algumas pessoas que são próximas, que reconheço como autores treinados e de excelência, que lêem, comentem e me fazem pensar. Uma vez acato sugestões, outras nem por isso, mas ter um eco do nosso trabalho antes de o entregar à editora é muito importante para mim.

As atuais transformações sociais e económicas alteram a sua maneira de escrever e de pensar as histórias que escreve?

O escritor é como uma consciência do seu tempo. Não está imune aos acontecimentos à sua volta. Depois do tsunami na Ásia, escrevi sobre isso. Depois do 11 de Setembro, muitos autores optaram por reflectir sobre o acontecimento e os resultados sociais consequentes. Estou certa de que a curto prazo teremos livros que abordam a questão dos refugiados. O escritor está no mundo, é um observador por excelência.

Dinamizou uma sessão para alunos do 9º ano relacionada com o Património da Língua e da Literatura". Qual é a importância deste património na formação dos alunos?

Como escreveu Fernando Pessoa, a minha Pátria é a minha Língua. Reforço a ideia de que a nossa identidade cultural importa e reflecte-se no património da Língua e da Literatura, espelhando ainda a História de Portugal, através da identificação de uma geografia de pertença: somos uma das línguas mais faladas do mundo, temos esse património em comum em vários

pontos do globo. Importa que os alunos percebam que a língua não pode ser desvalorizada, tão pouco a cultura nacional, contemporânea ou passada. É quem somos, explica de onde viemos, escolhas e acontecimentos. Nunca entenderemos quem somos hoje, como país, nação, povo, sem entender o passado, a dimensão histórica. A Literatura devolve-nos uma consciência do seu tempo, explica-nos, porventura melhor até que muitos outros estudos, a chamada "pequena história" e isso permite-nos entender o Portugal através dos tempos. Ler Camões implica conhecer o seu tempo. E a mesma lógica se aplica ao ler Garrett, Pessoa, Sophia, Agustina.

Entrevista da autoria dos Alunos do 9º A

"O que importa mesmo é ler. Continuar a ler."

educar para a inclusão

Sementes de paz e de tolerância

Fátima Monteiro, Andreia Cortes e Carla Caldeira Professoras do 3º ano



Trabalho a pares

Eu adorei porque eu nunca tinha estado ao lado de meninos que apareceram em alguma história. Eu acho que a Maria tem muita sorte em ter uma família como aquela.

Margarida Apura 3.ºC

Eu senti que o encontro foi muito giro! Senti que foi... mágico! Aprendi que não devemos julgar as pessoas pela aparência. Mudou muita coisa em mim. Agora sou mais generosa e tenho mais vontade de ajudar as pessoas.

Francisca Câmara 3.ºC

A apresentação do livro foi muito interessante, pois agora já não olho para as pessoas na rua quando são deficientes.

Vera Paixão 3.ºA

No âmbito da Semana das Línguas, os alunos do 3º ano realizaram atividades distintas, umas mais direcionadas para os conteúdos programáticos, outras mais vocacionadas para os valores que pretendemos transmitir.

Uma das atividades surgiu enquadrada no estudo dos animais, realizado na disciplina de Estudo do Meio, em articulação com o estudo dos diferentes tipos de texto, conteúdo de Português. Com base na informação pesquisada, os alunos, organizados em pares, construíram textos informativos sobre os diferentes animais. Em seguida, pesquisaram textos poéticos em que esses animais estivessem presentes ou elaboraram eles próprios uma poesia alusiva ao tema. O resultado final foi exposto no átrio do 1º Ciclo, para que todos pudessem aprender mais sobre a classificação dos animais e conhecessem poesias, algumas bem divertidas, em que os animais são personagens centrais.

Outra atividade foi lançada com a audição e visualização do conto “O Espantalho Enamorado”, de Guido Visconti e Giovanna Osellame, narrativa que se desenvolve à volta de ligações afetivas, tais como a amizade e o amor, e em que a entreatuda possibilita um final feliz. A proposta foi construir dois espantalhos, à semelhança das personagens deste conto, e neles afixar mensagens de amizade ou de amor escritas por cada um. Desta forma, não só se tentou que os alunos tomassem consciência e expressassem os seus afetos, mas também que as mensagens que daí resultaram fossem sementes de paz, tolerância, humildade, autoestima, respeito pelos outros...

No entanto, a atividade desta Semana das Línguas que os alunos mais destacaram, foi o encontro com a escritora Teresa Coutinho e com os seus filhos, Maria e Lourenço, personagens do livro “Maria, a alegria na diferença”. Para quem gosta de ler, facilmente entra nos espaços narrados, facilmente viaja no tempo, facilmente se envolve com as personagens, as ama ou não, as critica, se inspira nelas... Mas ter as personagens principais cara a cara, poder olhá-las de frente, ouvi-las, falar com elas é, sem dúvida, diferente e muito especial.

E essa foi uma das surpresas que lhes quisemos fazer: conhecer as pessoas que surgem como personagens de um livro. Levados a entrar na história pela conversa inicial feita pela autora, os alunos ouviram a história da Maria, contada pela sua mãe e pelo irmão Lourenço. A autora explicou que escreveu esta história para o Lourenço. Ele era pequeno quando a Maria nasceu, mas suficientemente crescido para perceber que a Maria tinha algumas coisas diferentes dos outros bebés. Agora andam os dois no nosso colégio. Nas pausas que foram sendo feitas e em que a Maria intervinha, lembrando ou comentando alguma situação real que aparecia narrada na história, os alunos sentiram o amor daquela escrita, em cada palavra pronunciada, nos sorrisos partilhados. A outra surpresa foi descobrir que as crianças portadoras de deficiência afinal são crianças como nós: gostam de rir, brincar, aprender, conviver, conversar com os colegas. A Maria anda no nosso

(...) ainda antes do encontro da Maria eu já sabia que devemos respeitar os que não conseguem fazer o que nós fazemos. Mas não digo que não mudou alguma coisa em mim, porque mudou. Eu não pensava que ela fosse feliz. **Tomás Guerreiro 3.º C**

Eu achei este encontro um momento especial. Senti-me muito bem ao saber que uma deficiência é só mais uma diferença. Mudei muito sobre isto e, a partir de agora, vou defender as pessoas com deficiência.

José Amador 3.º C

Eu pensava que ser deficiente era ter uma doença, mas é só mais uma diferença. **Maria Inês Correia 3.º C**



colégio, os alunos já muitas vezes se cruzaram com ela, abrandaram o passo para a deixar passar, viram o seu sorriso e alegria de viver. Afinal já tinham percebido que tinha algumas diferenças, por exemplo, algum desequilíbrio no andar, mas isso também acontece quando alguém torce ou parte um pé e anda de canadianas. O que eles se riram quando a Maria disse o nome do andarilho que precisou de usar para conseguir andar: o Mercedes!

Nada melhor do que a opinião das crianças sobre este encontro.

Eu gostei muito do encontro com a autora Teresa Coutinho porque ela explicou-nos que ser diferente não é mau, é ser especial. A sua explicação tornou o texto mais simples. **Mariana Francisco 3.º B**

Gostei muito deste encontro porque fiquei a saber mais coisas, conheci uma história e a vida de uma criança. Agora já sei que se uma criança tiver dificuldades a fazer certas coisas eu posso ajudar.

Francisco Cruz 3.º B

Eu senti-me muito contente ao saber que a personagem principal da história era da minha escola. **Leonor Enguiça 3.º B**

Foi engraçado ver as personagens contarem a história e perceber as coisas pelas quais a Maria passou na vida até agora. **Pedro Santos 3.º B**

O encontro com a autora foi bom e positivo porque entendi que a Maria é diferente de nós mas mesmo assim consegue brincar com todos e todos são seus amigos e é muito feliz. **Leonor Monteiro 3.º B**

O livro fez-me pensar que não devemos julgar os outros pela aparência, mas sim pela personalidade, porque podemos ser felizes com a diferença. **Sofia Alvarez 3.º A**

Eu gostei muito da apresentação do livro. Especialmente de conhecer as personagens. Aprendi a realmente saber o que é ser deficiente, a saber que todos nós somos especiais. Deu-me inspiração porque ser deficiente é ser especial. **Matilde Monteiro 3.º A**

A apresentação do livro ensinou-me mais sobre algumas pessoas que são diferentes de nós, mas também que todos somos diferentes.

Carolina Conde 3.º A

A partir do dia da apresentação do livro “MARIA, a alegria na diferença” percebi que ser deficiente é ser especial e que não é ter coisas más, sejam elas físicas ou psicológicas. **Sofia Varandas 3.º A**

A apresentação do livro mudou-me. Agora sempre que alguma pessoa precisa de ajuda, eu ajudo-a, mesmo quando não a conheço.

Duarte Costa 3.º A

educar pelas artes e criatividade

Criatividade... Ou como deixar as certezas de lado

Sofia Caranova Professora de Artes Visuais

*"A criatividade exige
a coragem de deixar
as certezas de lado"*

Erich Fromm

Os exemplos de trabalhos aqui apresentados, correspondem a exercícios realizados na disciplina de Desenho A, do curso de artes visuais do ensino secundário.

Mais importante do que escrever aqui umas palavras sobre criatividade, penso ser mais interessante, facultar este espaço aos alunos para expressarem as suas opiniões sobre o tema, assim como publicar aqui alguns dos seus trabalhos. Contudo, fica a ideia de que a criatividade não se ensina estimula-se, ela é intrínseca à pessoa.

"A criatividade para mim é como a liberdade, só obtenho resultados se tiver confiança. Gosto de criar pois tudo o que crio é diferente, e o facto de ser diferente torna o que faço único."

Leonor Costa 10.º 4



Páginas do Diário Gráfico da aluna **Rita Marques 11.º 4**



Páginas do Diário Gráfico da aluna
Rita Marques 11.º 4



Visita de estudo à Ilustrarte 2016, alunos de artes

Páginas do Diário Gráfico da aluna **Beatriz Neto 11.º 4**

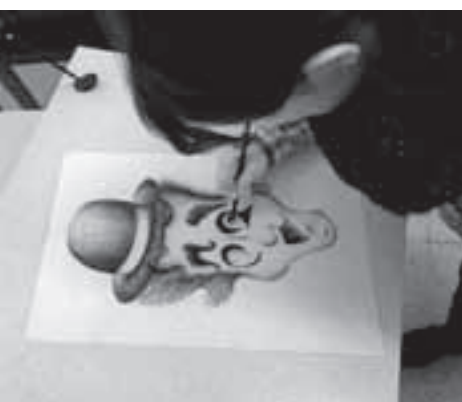




Trabalhos de transformação gráfica

“A maior sensação de liberdade e poder que tenho é algo a que chamo de criatividade. Permite-me errar e ir além do medo. É preciso coragem e audácia para desconstruir as ideias feitas.”

Beatriz Neto 11.º 4



Trabalho da aluna **Beatriz Neto** 11.º 4



Exposição de trabalhos em sala de aula, exercício de desenho de caricaturas, 11.º 4



Trabalho da aluna **Leonor Costa** 10.º 4



Trabalho da aluna **Beatriz Pereira** 11.º 4

“Sempre que sinto que aquilo que criei tem potencial, é mais um passo para me tornar uma pessoa mais confiante e feliz.”

Beatriz Pereira 11.º 4

educar pela observação e criatividade

Na disciplina de Ciências Naturais, os alunos do 8º ano realizaram uma saída de campo para explorarem a Zona Intertidal da Praia das Avenças.

As saídas de campo constituem estratégias de ensino-aprendizagem que permitem aos alunos uma ativa participação. Estas atividades não são fechadas a uma só disciplina ou área do saber, pelo contrário, são uma oportunidade para a exploração e desenvolvimento de várias competências transversais. Com base nos dados recolhidos durante a saída, em articulação com a disciplina de Português, os alunos elaboraram um texto criativo relacionado com a biodiversidade estudada.



Diário de bordo da exploração da zona intertidal da praia das Avenças

Andreia Luz Professora de Ciências Naturais e Biologia Joana Baião Professora de Português

Caracol de Guerra

Sou pequeno e negro (1). A minha concha é pontiaguda e é o único sítio onde me sinto protegido. Sou do clã *Littorina neritoides*, um Caracol-negro.

Viver nestas zonas não é fácil. Precisamos de estar à espreita de qualquer clã voador ou de outros clãs predadores. Os mais perigosos são os clãs *Larus fuscus* e a *Calidris alpina*.

O clã *Littorina neritoides* vive em comunidade na zona supralitoral da praia, dentro dos grandes lagos rochosos, em conjunto com outros clãs de moluscos e outras criaturas. "Grandes lagos", como quem diz, para uma gaivota *Larus Fuscus* seria uma pequena banheira para lavar as patas, afinal nem metade de um Burrié tenho. (2)

É um dia de sol, eu e, outros caracóis fomos para uma pequena lagoa, ao lado do lago onde estavam os outros. (3) Foi a pior ideia que já tivemos. Pilritos-comuns, aves do clã *Calabris alpina*, desceram até à lagoa onde estávamos. Por instinto, fechei de imediato a minha concha, mas os outros não se conseguiram safar. (4) Por uma brecha na concha via os meus companheiros a serem devorados uns atrás dos outros. Antes de conseguirem notar a minha presença, uma Navalheira do clã *Necora puber* chamou-lhes a atenção. (5) Certamente um crustáceo parecia-lhes mais apetitoso do que uma criatura mais pequena que um inseto. Foi um dia devastador e eu e os que sobraram voltámos para o grande lago para contar o desastre ao resto do clã. Era esta a vida de um pequeno Caracol-negro. Era a vida de um Caracol de guerra...



Passaram uns dias e eu estava agora a contemplar o sol com o meu parceiro de conversa. Apesar se ser o maior predador do lago este não se mexia quando me ouvia. A Estrela-do-mar do clã *Marthasterias glacialis* estava a abrigar-se colado a uma pedra. (6)

- Tens sorte, Estrela-do-mar. - dizia eu, sem nem me preocupar mais com a morte. - És grande e difícil de devorar. Todos os moluscos têm medo de ti e se alguém te corta o braço ele volta a crescer forte e saudável.

- Julgas que ser Estrela-do-mar é fácil? - comentava ele em resposta - Não tenho adrenalina na vida. A única maneira de sentir o meu coração a saltitar é se um daqueles monstros terrestres de duas pernas, mas isso hoje e em dia raramente acontece. Já nem me importo se te como ou não, por mim eu morro à fome.

Arrogante. Desprezível. Como podia aquela estrela dizer tudo aquilo sem perceber a ferocidade da guerra que era a vida?! Não tinha o direito de falar assim! Farto de a ouvir a falar fui-me embora para a sombra da rocha. Antes que conseguisse lá chegar, apareceu uma gaivota e, sem que tivesse sequer tempo para reagir, fui atingido na concha. (7)



- Vês? Tu vês o que acontece no campo de batalha? Isto é o que significa a guerra! - gritei.

Muitas criaturas vivem em terror. Muitas vão acabar por morrer da forma que menos querem. Muitas vão sentir a dor da sua carne a ser arrancada do corpo. Eu, e caracol de guerra, sou uma dessas. Cheguei ao fim da minha vida sem conseguir apreciá-la. Fui devorado! (8) Catarina Quelhas 8.º A

A história desconhecida da ZIBA

29 de janeiro de 2016

Olá, sou uma lapa, mais concretamente uma *Patella vulgata*. Esta é a minha primeira entrada num diário e, por isso, estou um pouco nervosa, vivo na "ZIBA" (Zona de Interesse Biofísico das Avenças), e vivo na zona supralitoral deste local, tenho 13 anos e vivo com a minha comunidade aqui.

Ahh! Peço desculpa não cheguei a apresentar-me, chamo-me Félix, e hoje estou a escrever aqui, pois este pode ser o meu último dia de vida...deixem-me explicar-vos.

Há vários anos que vivo aqui e todos os anos, por esta altura, aparecem três a quatro grupos de humanos. Eles são altos e deslocam-se rapidamente, Têm uma coisa no corpo à qual chamam de "pés" e usam-nos para se deslocarem, é ho-rrí-vel! Quando eles passam por cá, o desastre é total. As gaivotas voam para longe, as *Pardacis carbonell* tentam esconder-se dentro das rochas, os polvos ou *Octopus vulgaris* camuflam-se, as estrelas-do-mar escondem-se, os ouriços-do-mar contraem-se, a *Ulva rigida* e as outras algas geralmente não correm perigo, mas...e nós?

A nós só nos resta rezar, nós não nos podemos mexer, contrair, camuflar ou sequer esconder, só temos esta concha dura por cima de nós para nos proteger.

Comecei a ouvir passos, eles estão a aproximar-se! Os meus amigos estão a gritar de medo, o meu pai e a minha mãe dizem-me para ficar calado e tentar aguentar, ouço as minhas amigas cracas a morrer a cada passo que dão.

No entanto, o pior... é o final! Olho pela minha carapaça e vejo a nossa civilização a ir por água abaixo, corpos de lapas e cracas no chão, *Patella vulgata* com a carapaça rachada e partida, o meu mundo desmoronou-se e nós vamo-lo reconstruindo dia após dia, à espera que voltem a esmagá-lo. Hoje não morri mas e amanhã?

Pedro Machado 8.º A



Excerto do Diário de João Diogo Gomes

Expedição do dia 27 de janeiro de 2016

Chegámos hoje à linha costeira da Cascais, numa zona chamada de Ziba. A nossa missão era observar, classificar e catalogar a vida selvagem encontrada no local. De início conseguimos perceber que há vários seres com diferentes características, os quais necessitam de condições abióticas específicas. Nesta praia há imensas poças de maré repletas de vida selvagem. A contagem foi maior que o previsto. A biodiversidade existente neste local é considerável.

Primeiramente, dirigimo-nos para uma zona mais rochosa, aparentemente com pouca água. Designámos essa zona de supralitoral. Aqui encontramos seres vivos como a gaivota-de-asa-escura (*Larus fuscus*), o caracol (*Littorino neritoide*) e a lapa (*Patella vulgata*). Esta é uma zona superior do litoral, que raramente fica submersa mas recebe gotas de água (salgada) das ondas. O supralitoral é, geralmente, limitado por uma falésia, à qual se segue uma pequena faixa de areal e rochas.

Seguidamente, avançando um pouco mais em direção à maré, a paisagem era muito diferente. Foi possível observar inúmeras poças de maré, cientificamente identificadas por enclaves do intertidal, as quais estão permanentemente repletas de água. Aqui existem algumas espécies que estão totalmente dependentes da água, algo que não se verificava no supralitoral. Foi possível observar a presença do polvo-comum (*Octopus vulgaris*), a estrela-do-mar (*Asteria rubens*), o burrié (*Gibbula umbilicali*) e o mexilhão (*Mytilus edulis*). Também reparámos que, à medida que nos aproximávamos do mar a biodiversidade também ia aumentando. Provavelmente a salinidade da água justifica esta observação. Além disso, constatámos a presença de um maior número de algas, as quais podem servir de alimento e habitat para muitos animais.

Finalmente, chegámos às poças que estão em contacto direto com o mar. É a zona designada por infralitoral. Esta apresenta uma biodiversidade idêntica à existência já no mar. Neste local, foi possível encontrar as espécies: sargo-bicudo (*Diplodus puntazzo*), a Marachomba-babosa (*Parablennius gattorugine*), a navalheira (*Necora puber*), a santola (*Maja brachydaetyla*) e o percebe (*Pollicipes pollicipes*).

Estamos fascinados pela biodiversidade!

Contudo, embora exista muito mais para documentar, tivemos de nos retirar pois a maré estava a subir. Amanhã tentaremos outra vez...

João Diogo Gomes 8.º A

Um viagem para a liberdade

Estava eu na Praia da Avenças, passeando pelas rochas, admirando as poças de maré quando de repente sinto algo a puxar-me, algo pegajosa, com uma baba viscosa, eu agarrei-me a uma planta, mas ele era mais forte, olhei para trás e vi apenas um polvo, ou como indica o seu nome científico, um *Octopus vulgaris*, ao ver que já não tinha mais forças deixei-me levar até que caí numa poça de maré.

Ao cair na poça reparei que já não era o mesmo, ou melhor, era o mesmo só que extremamente pequeno, os *Paracentrotus lividus* eram do meu tamanho, para quem não sabe são ouriços-do-mar, e o polvo, que antes me havia puxado para aqui, era gigante, reparei que conseguia respirar debaixo de água e que já não era omnívoro mas herbívoro e aqui já não era predador mas sim a presa.

Depois de muito nadar por ali e de ver animais belíssimos como a estrela-do-mar, as lapas, os mexilhões e a anémonas, encontrei o senhor já velho, cuja barba era muito longa, com um cabelo até aos pés, muito rugosos, ele disse-me:

- Chega-me esse pau por favor, preciso dele para me defender. Eu dei-lhe o pau e não lhe perguntei porque é que tinha aquelas feridas nas pernas e, começamos a falar. O homem estava aqui há 30 anos e explicou-me como voltar ao normal, mas era muito difícil.

Passados 10 anos, eu continuava lá, já tinha tentado mil formas de sair, mas era impossível. Um certo dia eu comecei a ouvir uns pescadores, ainda hoje me lembro do seu assobiar, quando os vi a passar reparei que o anzol estava preso na nossa poça de maré... e ao desprenderem o anzol, saímos os dois da poça. Quinze anos depois tornei-me um afamado pescador, o meu grande amigo Manuel, infelizmente, morreu, mas todos os dias vou à sua campo e deixo-lhe lá um anzol pois a partir de um alcançamos a nossa liberdade.

Francisco Natário 8.º A

educar com ciência

Entrevista com João Pedro Silva



João Pedro Silva é engenheiro do ambiente e analista informático. É um apaixonado pela fotografia e pela biologia, em particular pela fauna submarina. A sua paixão e especialidade são os nudibrânquios. É autor e co-autor de vários livros e guias de campo sobre biodiversidade submarina.

Esteve no Valsassina durante a Semana do Património para apresentar uma sessão sobre Património Subaquático. Foi uma oportunidade para conhecermos um pouco mais sobre o trabalho deste antigo aluno do Valsassina.

Vê-se mais como um analista informático, como um biólogo ou como um fotógrafo?

Nos séculos XVIII e XIX usava-se muito um termo, infelizmente caído em desuso na atualidade, mas que traduz melhor como eu me vejo (ou como prefiro que me vejam): um naturalista. A informática e a fotografia são ferramentas que uso como naturalista. Profissionalmente, faço gestão de projetos, principalmente na área das tecnologias da informação. A gestão de projetos, como atividade multidisciplinar, beneficia mais da versatilidade do que da especialização. O importante é podermos aproveitar todas as nossas experiências para podermos enfrentar novos desafios. Pode parecer forçado, mas uso muito do que aprendo como naturalista no quotidiano profissional.

Fale-nos um pouco do seu lema «fotografa o que conheces e conhece o que fotografas».

Desde que comecei a ler que “devorei” todos os livros que encontrava sobre animais. Acho que ainda não tinha 10 anos quando me fizeram a clássica pergunta: “de que animal gostas mais?” Os amigos dos meus pais ficaram perplexos quando não respondi “cão”, “gato” ou “cavalo” e disse com muita naturalidade: “da Panorpa.” [Panorpa é um género de insectos com cerca de 240 espécies vulgarmente conhecidas como “moscas-escorpião”] O “conhece o que fotografas” é fruto da educação que recebi, em casa e no Colégio: se não sabes o que é, procura saber. O “fotografa o que conheces” é a consequência natural: ao procurar saber mais, é inevitável encontrar outros animais sobre os quais ainda nada sabia.

Depois é uma questão de estudar esses animais para saber como os encontrar (e fotografar). A Quinta das Teresinhas e os fins de semana passados no campo ou na praia contribuíram muito para eu ter oportunidades para explorar.

Como surgiu o gosto pela fauna marinha e pelos nudibrânquios, em particular?

Muito antes de me interessar pela fauna marinha, interessei-me por outros animais (principalmente aracnídeos e répteis). E a motivação foi por serem diferentes, por serem pouco falados (e por estarem envolvidos em muitos preconceitos e mitos). Mais tarde, amigos mergulhadores falaram-me sobre animais que viam mas que nem sequer sabiam explicar o que eram e foi assim que comecei a explorar mais o ambiente marinho. Daí a encontrar o primeiro nudibrânquio, foi um pequeno passo. O que me aguçou a curiosidade foi a falta de informação que havia sobre esses animais. Essencialmente, tentei (e tento ainda) cobrir a lacuna de informação que está disponível ao público em geral sobre estes animais.

Portugal é rico em biodiversidade?

É muito rico, sem dúvida. Provavelmente por falta de divulgação, a maior parte das pessoas apenas conhece as nossas espécies marinhas que são comestíveis. A título de exemplo: temos mais de 50 espécies distintas de lulas (mas a maior parte das pessoas apenas conhece uma ou duas); temos 7 espécies diferentes de sargos (mas a maior parte das pessoas apenas distingue 3);

temos mais de 100 espécies diferentes de corais (mas a maior parte das pessoas nem imagina que temos corais em Portugal); nas nossas águas podemos encontrar representantes de praticamente todos os filos do reino animal, havendo mesmo alguns filos que não se encontram fora de água (por exemplo, Echinodermata, Echiura, Ectoprocta, Entoprocta, Nemertea, Phoronida, Cnidaria, Porifera, Siphonophora, etc.).

Qual a foi a situação mais engraçada que já lhe aconteceu de baixo de água?

Tenho muitas histórias engraçadas, vou tentar resumir algumas. Há uma situação que já me aconteceu várias vezes: ao apontar para um animal muito pequeno, ou muito bem camuflado, os outros mergulhadores ficarem só a seguir o meu dedo... e não verem o animal.

Mas acho que a mais engraçada foi quando estava a espreitar por baixo de uma pedra coberta de algas para ver se estava lá algum animal mais pequeno... e a pedra fugiu! Afinal, era uma santola muito bem camuflada (com algas agarradas e tudo).

Uma outra vez, estava a tentar fotografar um pequeno nudibrânquio quando senti o meu braço a ser puxado: era um grande polvo com um aspecto muito pacífico. Ele continuou a avançar e colocouse à minha frente, parado. Então, reajuste a iluminação e tirei-lhe duas fotografias. E ele, lentamente, seguiu o seu caminho. Ainda hoje, quando vejo essas fotografias, lembro-me que foi o polvo que me “pediu” para as tirar (esta foi uma delas: <https://www.flickr.com/photos/jpsilva1971/6060130926/in/photo->

[stream/lightbox/](https://www.flickr.com/photos/jpsilva1971/6060130926/in/photo-stream/lightbox/)).

Qual é a fotografia que lhe falta fazer?

Faltam muitas. Ainda há algumas espécies de nudibrânquio que se sabe haver em Portugal e que me falta fotografar: *Felimida britoi*, *Felimida ghanensis*, *Plocamopherus maderae*, *Tambja ceutae*, *Polycera aurantiomarginata*, *Polycera elegans*, *Madrella aurantiaca*, *Babakina anadoni*. Há também duas outras pequenas lesmas que tenho na minha lista para fotografar: *Placida cremoniana* e *Placida dendritica*. Claro que também há muitos animais que quero voltar a fotografar: nunca fico 100% satisfeito com os resultados e espero sempre um dia conseguir melhorar.

O que sentiu ao voltar ao nosso colégio passados todos estes anos? Como é estar do outro lado da plateia?

A minha ligação ao Colégio é quase “umbilical” (posso mesmo dizer que estive no Colégio antes de nascer). Claro que há diferenças no espaço, com novos edifícios e outros alterados, mas um antigo aluno continua a não se perder. Em relação ao estar “do outro lado da plateia”, não é uma novidade. Aliás, há muitos anos que dou palestras e para isso muito contribuí para a minha vivência no Colégio, nomeadamente através das atividades extracurriculares, como o teatro.

Como pode a escola, através da ciência, contribuir para uma cidadania mais ativa?

Há duas ferramentas fundamentais que **a escola tem de providenciar aos alunos: curiosidade e sentido crítico**. A Ciência é o método

com que aplicamos essas duas ferramentas. Mas uma cidadania mais ativa não se resume à participação em campanhas de sensibilização e divulgação: significa que o cidadão se questiona sobre o que o rodeia, verifica e valida a informação que lhe chega e, conseqüentemente, decide-se a agir.

Que mensagem tem para os alunos do colégio?

Acho que respondi acima: **sejam curiosos e tenham sentido crítico**.

Como é que eles podem contribuir, enquanto cidadãos, para o conhecimento científico?

Observando, documentando e partilhando. Observando atentamente o que há em redor, é natural que encontremos algo que desconhecemos. Documentando, nomeadamente através da fotografia, podemos ficar com um registo objetivo (a memória humana é muito traiçoeira...) e mais permanente da observação. Partilhando o registo, mais pessoas o podem verificar, incluindo alguns cientistas profissionais. Na maior parte das vezes, os outros cientistas identificam o registo, dando-nos pistas valiosas para aprender o que antes nos era desconhecido (afinal, foi por isso que o documentámos): ficámos a conhecer o que fotografámos (cf. resposta à pergunta 2). Mas mesmo que seja uma espécie muito comum, o facto de termos um registo validado cientificamente pode ser muito relevante pelo seu contexto espaço-temporal. Aliás, a distribuição das diferentes espécies é muito importante para avaliarmos o impacto da atividade humana e das alterações climáticas.

Catarina Aderneira e Francisco Cabral 8.º C

Deixo-vos 3 plataformas onde podem colocar os vossos registos:

<http://www.projectnoah.org/>

<http://www.biodiversity4all.org/>

<http://www.inaturalist.org/>

Para os mais interessados na vida marinha:

<http://skaphandrus.com/> <http://oceanlifeid.com/>

Por último, deixo-vos aqui um endereço onde podem ver algumas das fotografias que tirei em Portugal, organizadas por local: <https://www.flickr.com/photos/jpsilva1971/collections/72157635313245554/>

educar pela experimentação e criatividade

Aprender com o quê, mesmo?

“Suponho que me sinto continuamente estimulada por usarmos a criatividade, a experimentação, formas diferentes das habituais para chegar aos diversos conteúdos.”

"Andas no Valsassina há 12 anos? Como é que ainda não te fartaste?"

Já me fartei de ouvir esta pergunta, por isso, tendo eu tão pouca paciência, não pode ter sido fácil fazer-me sempre gostar desta escola, sem ficar aborrecida, e nunca querer ir embora.

Uma das coisas que teve um papel muito importante na minha permanência no Colégio foi a aprendizagem com muita experimentação e criatividade, que aumentou o meu interesse pela matéria dada nas aulas e o meu gosto pela escola em geral. Ao contrário do que muitas pessoas pensam, **a experimentação não é só aquilo que fazemos nas aulas de laboratório, no Colégio esta componente está presente em todas as disciplinas, desde Português até Cidadania.** Também a componente criativa é explorada em todas as suas vertentes e por todos os professores.

Em todas as disciplinas, sem exceção, é possível encontrar uma forma prática de aplicar experimentalmente a matéria que esta-

mos a estudar. Em primeiro lugar, há o exemplo óbvio das experiências com compostos químicos ou amostras de ADN, mas também há formas de transformar uma aula de Inglês ou Filosofia numa aula mais prática: alguns exemplos de atividades dinamizadas no Colégio são os debates, as apresentações orais, as dramatizações de obras em estudo e a criação de pequenos filmes (criação completa com escrita de guiões, filmagem e montagem).

Para além da experimentação, também a criatividade é estimulada de muitas formas diferentes adaptadas às várias disciplinas e matérias em estudo. Nas disciplinas de línguas, a escrita de textos, bem como as apresentações orais, são incrivelmente importantes para o exercício da criatividade; e no caso de Cidadania, somos convidados a participar em vários projetos relacionados com a disciplina, como, por exemplo, o "Parlamento dos Jovens" uma das minhas iniciativas favoritas, em que criamos propostas de resolução de um grande problema no nosso país, como as discrepâncias entre o litoral e o interior. Até mesmo em Biologia, uma disciplina tipicamente científica e racional, somos encorajados a criar projetos em parceria com universidades ou institutos específicos, com ideias originais e inovadoras.

Ao longo dos meus anos no Colégio, tenho vindo a ver as componentes experimental e criativa a ganhar cada vez mais importância no currículo dos alunos,

bem como nas atividades extra-curriculares. Também os alunos mais pequenos têm presente a importância de valores externos às disciplinas curriculares, adquirem-na em projetos como a criação de uma horta, momento em que todos os alunos da infantil participam, ajudando a manter as plantas vivas e a colhê-las, estimulando assim a sua apreciação pela natureza e pelo que ela providencia. No meu tempo as coisas eram diferentes, como dizem os mais velhos... Não havia horta (com a dimensão da atual), mas havia muitas outras alternativas divertidas e lúdicas. Uma delas era as Mini-Olimpíadas do Ambiente do Valsassina, uma versão simplificada das Olimpíadas do Ambiente, em que participámos uns anos mais tarde, adaptada ao conhecimento de alunos da primária. Esta foi uma experiência que me marcou: ficar em primeiro lugar exaequo trouxe-me benefícios que foram muito para além da camisola e do caderno. Foi através desta competição que aumentou o meu interesse pelas atividades do Colégio, tanto na componente científica como nas componentes mais humanitárias como as campanhas de Natal anuais.

Suponho que me sinto continuamente estimulada por usarmos a criatividade, a experimentação, formas diferentes das habituais para chegar aos diversos conteúdos, mantendo assim as coisas permanentemente interessantes, e, por isso, **"sim, ando no Valsassina há 12 anos. E não, ainda não me fartei."** Rita Miranda 11.º 1A

educar pela exploração

Educação precoce em ciências. O caso da horta do jardim de infância do Valsassina



A Educação Pré-Escolar traduz-se na primeira “ (...) etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da acção educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita relação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário” (Ministério da Educação, 2005).

Uma das características das crianças em idade Pré-Escolar é aprender através da acção. Deste modo, torna-se crucial um envolvimento activo não só a nível psicomotor, como cognitivo e afectivo, de forma empenhada na concretização de diferentes actividades de ciências.

Neste contexto, merecem destaque as seguintes experiências educativas: experiências de exploração (baseadas na visão, olfacto, paladar, tacto e audição, de forma a interagir livremente com os objectos); experiências de verificação/ilustração (ilustrar conceitos e introduzir uma capacidade específica, defrontando as crianças com uma situação e ajudando-a a compreender) e experiências investigativas (requerem competências comunicativas, conceptuais e processuais, realizando experiências e resolvendo problemas), (Fialho, 2008 *in* Carrega, 2014).

Deste modo, **a educação precoce em ciências, para além de promover a capacidade de observar, o desejo de experimentar, a curiosidade de saber, a atitude crítica e o pensamento científico, desenvolve, também, o gosto por aprender** (Peixoto, 2005), que é crucial para o futuro das crianças. Crianças interessadas, curiosas, que querem sempre saber e aprender mais, desenvolvem aprendizagens muito mais significativas (Freitas, 2015).

Por sua vez, a dinamização de uma horta pedagógica, com crianças de 3 a 5 anos, permite vivenciar situações diversificadas que, por um lado, permitem alimentar a sua curiosidade e o seu interesse pela exploração do mundo que as rodeia e, por outro, proporcionam aprendizagens conceptuais, fomentando, simultaneamente, um sentimento de admiração, entusiasmo e interesse pela Natureza e pelo mundo que as rodeia.

As crianças têm a possibilidade de ter um contacto mais directo com a Natureza, estimulando uma aprendizagem activa e uma melhor consciência ecológica. Desta forma a criança desenvolve as suas capacidades cognitivas e as competências que lhe permitirão, praticar uma cidadania responsável e consciente não pensando apenas nas consequências dos seus atos ambientais do presente mas no que podemos melhorar para proteger o ambiente no futuro. Sendo uma atividade de carácter ambiental, facilita o cruzamento dos conhecimentos nas várias áreas do saber, evitando cingir-se à problemática de uma única ciência.

educar pela experimentação

A importância de experimentar

“Ganhar força, confiança, espírito empreendedor e sabedoria através de cada experiência ou projeto”

Muitas vezes perguntamo-nos se estamos ou não aptos a enfrentar a vida. A nossa capacidade cognitiva nem sempre responde às nossas perguntas, nem esclarece as nossas dúvidas. Todo o homem é passível à dúvida e ao medo, e tal advém de sermos seres de paixões. A ideia de que a ciência é detentora do conhecimento quase absoluto é talvez aquilo que move o ser humano à descoberta incomensurável não só daquilo que o fascina, como também daquilo que ainda está por desvendar. A experiência amplifica a nossa probabilidade de sucesso num dado projeto de vida. Porém, traz consigo um conjunto de erros e falhas, aos quais estamos sujeitos ao longo do tempo.

Quando entrei para o Colégio Valsassina, no 11º ano, estava precisamente no meio de um ciclo de três anos, o do ensino secundário.

Adaptei-me facilmente ao Colégio, no sentido de integração no ambiente escolar, não só a nível das disciplinas mas especialmente no que se refere aos colegas e

professores. A inovação foi um dos pontos diferenciadores que encontrei nesta nova experiência: deparei-me com uma escola que me foi marcando com o seu espírito ecológico e desportivo, que visa a qualidade do ensino e promove atividades de solidariedade, respeitando a autonomia individual, a criatividade e o diálogo. A aposta no sucesso e no nosso futuro é complementada com desafios não só científicos, mas também económicos, sociais e até políticos. Enquanto aluna do 12º ano, do curso de Ciências e Tecnologia, foi-me proposto criar um projeto de investigação que, estabelecendo parcerias com uma ou mais Universidades, acrescentasse algo de importante e inovador ao mundo científico. Posteriormente, foi-nos ainda providenciada uma abordagem económica do projeto, o que permitiria o estudo daquilo que poderia estar a tornar-se numa futura possível oportunidade de negócio. Claramente que este processo teve as suas complicações e os seus momentos de stress, também devido à pressão que nós próprios colocávamos na sua concretização.

Mas foi tudo isto que nos ajudou a crescer e a aprender a lidar com aquilo que nem sempre é um “caminho de rosas”. Aprendemos que são os desafios que confrontam os paradigmas vigentes na sociedade; são eles que fazem transcender o conhecimento científico; são eles que questionam o que será a morte, sem sequer saber como começou a vida. Só

as nossas experiências, em si mesmas, aliadas à persistência e determinação, é que nos tornam mais sensatos e mais genuínos. Foi assim que o Colégio Valsassina nos ensinou a ganhar força, confiança, espírito empreendedor e sabedoria através de cada experiência ou projeto. A estruturação do começo do nosso percurso foi nesta escola que nos faz sentir “em casa, que nos ensina, que nos incentiva, que nos louva mas também repreende quando necessário, que nos apoia incondicionalmente, que nos cria. Haverá sempre momentos em que vamos falhar, mas já sabemos que os erros são partes integrantes de todo este processo de construção, que não é nada mais que a vida. Agora, resta-nos continuar.

Margarida Durão 12.º 1A



"Where should I go?" - Alice.

"That depends on where you want to end up." - The Cheshire Cat

in: Lewis Carroll, *Alice's Adventures in Wonderland & Through the Looking Glass*

A aprendizagem cooperativa é uma estratégia de trabalho e de gestão da sala de aula que procura promover a autonomia dos alunos e a entre-ajuda na construção do conhecimento, por oposição aos métodos transmissivos.

A metodologia cooperativa não só é, na minha opinião, uma excelente oportunidade para incorporar nas práticas mais tradicionais outras formas para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem, como também se trata de uma forma comprovadamente eficaz de envolver os alunos na construção do conhecimento, ao nível das várias disciplinas do currículo e aplicável em qualquer ano de escolaridade.

São convocadas competências académicas e sociais, pois os alunos são chamados a interagir, a colaborar para dar resposta às questões colocadas, e a desafiar-se para estar à altura dos seus pares e não defraudar as expectativas do grupo. Não se trata só de uma estratégia para uso em sala de aula como envolve também um conceito mais aprofundado do que se pretende da aprendizagem nos dias de hoje. É porque somos constantemente chamados a participar, tomando decisões, sozinhos ou em equipa, a tomar a palavra, a captar a atenção dos outros enquanto falamos ao mesmo tempo que sabemos escutar, que a ideia de cooperativismo é tão importante. Importância essa que reside tanto na aquisição

de competências cognitivas como na aquisição de competências sociais.

Subsistem algumas ideias erradas acerca desta abordagem que muitas vezes fazem com que haja resistência para a implementar, no contexto da sala de aula. Existem algumas ideias, a meu ver erradas, mas que me parecem estar bastante enraizadas, convergindo numa espécie de inevitabilidade. Identifico três "inevitabilidades": em primeiro lugar, parece difícil que os alunos trabalhem de forma disciplinada, calma e organizada; em segundo lugar, a impossibilidade de trabalharem todos, equitativamente, de forma empenhada e responsável, e, por último, que evoluam e atinjam plenamente os objetivos.

No caso da disciplina de Inglês, têm vindo a ser feitas algumas atividades à luz da abordagem cooperativa, em diferentes anos de escolaridade (variando a complexidade da pesquisa, o processo e os fins a atingir, os tempos e os papéis atribuídos aos alunos, naturalmente) com benefícios evidentes, dos quais destacaria os relacionais (promove uma maior coesão do grupo, sem competitividade) e os didáticos, através da consolidação dos conteúdos e de um maior envolvimento de todos os elementos nas tarefas porque todos têm um papel a cumprir. A *consolidação dos conteúdos* parece um "jargão

técnico" mas é um passo simples neste processo de aprender a aprender que significa ter uma dúvida que nos inquieta e procurar as formas ao nosso alcance e dos nossos pares para responder ou ter pistas para chegar à resposta.

Os grupos são definidos¹ pelo professor, devem ser heterógenos e a cada elemento é atribuído um papel. Normalmente, há um guião para que os dados resultantes possam no final ser partilhados e a informação fique acessível a toda a turma.

Esses papéis, também eles variáveis de acordo com o grupo e com a faixa etária (por exemplo, em vez de *writer* pode haver um *reporter*), por exemplo designados: *stopwatch*, *spokesboy/girl*, *doorman/observer*, *helper*, *editor*, *calm down Captain*, são importantes para que todos estejam ocupados e se possam apropriar da pertinência do tema, qualquer que ele seja, e do conhecimento que resultará do trabalho em grupo, com a monitorização do professor. Os papéis permitem uma atuação ao nível da postura e da atitude (a atenção, o silêncio, o cuidado com o espaço de trabalho) e ao nível dos conteúdos (a escrita, a apresentação oral, a apresentação das conclusões, as fontes de pesquisa, entre outros).

¹De modo a gerir melhor o trabalho cooperativo e tal como definido por: Lopes e Silva (2009) Lopes, J. e Silva, H. S. (2009). *Aprendizagem Cooperativa na sala de aula – um guia prático para o professor*. Lisboa: Lidel - Edições Técnicas.

educar para o património

Património Nacional - Sensibilizar, conhecer e preservar, dos 5 aos 18 anos

Patrícia Avôes Professora de Geografia Cila Baptista Educadora de Infância



Gostar da escola, gostar de estudar, gostar de buscar e transmitir conhecimentos são pontos essenciais de uma aprendizagem construtivista e, por consequência, mais significativa.

Segundo Neto e Marujo (2004) a escola deve ser um espaço de construção que, para além de pessoal, é coletiva. Assim, ao aprender com os pares, a aprendizagem é mais ativa e exploratória, possibilitando um maior envolvimento afetivo e emocional e um aprofundar da compreensão das matérias.

Neste contexto, e a convite das educadoras do Jardim de Infância (5 anos), no passado dia 17 de fevereiro, os alunos do 11º2/3 tiveram a possibilidade de dinamizar uma ação sobre o património português, considerado Património Mundial pela UNESCO.

Para Zuanon (2004), a interação educativa gerada, entre alunos de diferentes níveis de ensino, apresenta-se como uma oportunidade única para fomentar uma interiorização de conhecimentos mais fluente, pois permite, aos aprendizes, descobrirem coisas novas de maneira envolvente, alegre, participativa e, sobretudo, que agucem a curiosidade.

Os mais crescidos puderam desenvolver competências de oralidade, o que foi facilitado pela disposição dos meninos em semicírculo, pois na perspetiva de Cury (2004) esta organização permite que vejam o rosto uns dos outros favorecendo a espontaneidade e criando segurança para todos os intervenientes exporem as suas concepções.

Partindo das ideias e experiências dos mais novos, os alunos procuraram dinamizar uma experiência onde todos os contributos fossem importantes para as aprendizagens realizadas, no espírito de “um por todos e todos por um”.

Conclui-se, assim, que estas iniciativas tornam mais significativa a construção de uma comunidade de aprendizagem, transversal a todas as idades desde os 5 até aos 18 anos, onde através do uso de uma linguagem mais simples e adequada aos diferentes níveis etários, se podem tratar dos mesmos temas e construir conhecimento e saberes coletivos ou comuns.

.....
Cury, A. (2004). Pais Brilhantes, Professores Fascinantes – Como formar jovens felizes e inteligentes. 1ª Edição. Cascais: Pergaminho.

Neto, L. & Marujo, H. (2004). Otimismo e Esperança na Educação. 1ª Edição. Lisboa: Editorial presença.

Zuanon, A. C. (2004). O processo ensino-aprendizagem na perspetiva das relações entre: professor-aluno, aluno-conteúdo e aluno-aluno. Revista Ponto de Vista, 3, 13-24.



Testemunhos dos alunos:

“Foi muito enriquecedora a experiência de despertar o interesse dos alunos para o património, pois foi como passar-lhe uma herança enquanto portugueses e cidadãos.”

Patrícia Almeida 11.º 3

“Com esta aula aberta constatámos que os meninos de 5 anos já tinham muitas definições do que era para eles o património.”

Beatriz Margarido 11.º 2

“A parte mais interessante de toda a sessão foi a participação assídua dos alunos da infantil, curiosos por aprender mais sobre o património português e ansiosos por partilhar as suas experiências.”

Cláudia Marques 11.º 3

“A atividade permitiu-me perceber que os alunos mais novos já conseguem compreender a importância de preservar o património e que se mostram muito interessados em aprender mais sobre um tema que diz respeito a todos.”

Ana Rafaela Lima 11.º 2

“Esta interação com os meninos do Jardim de Infância permitiu-me perceber que ser professor é muito difícil, uma vez que captar a atenção exige paciência e que se tenham estratégias dinâmicas para os motivar, mas saber que ensinámos algo é muito gratificante.”

Nelma Naly 11.º 3

“Gostei muito desta experiência, tendo sido para o oportunidade de comunicar com um nível etário diferente e penso que as crianças se identificaram connosco e nos viram como um modelo que no futuro irão seguir.”

Mafalda Machado 11.º 2



"... ao aprender com os pares, a aprendizagem é mais ativa e exploratória"

educar para a cidadania

Sessão escolar do Parlamento dos Jovens



Sessão com deputado da Assembleia da República



Sessão com deputado da Assembleia da República

O programa Parlamento dos Jovens é organizado pela Assembleia da República, com o objetivo de promover a educação para a cidadania e o interesse dos jovens pelo debate de temas de atualidade. Culmina com a realização de duas Sessões Nacionais na AR, preparadas ao longo do ano letivo, com participação de Deputados, designadamente da Comissão de Educação, Ciência e Cultura, órgão parlamentar responsável pela orientação do programa. O Tema da edição deste ano foi: Portugal, assimetrias litoral/interior. Que soluções?

As aulas de Educação para a Cidadania foram o palco para as reflexões e elaboração dos Projetos de Recomendação, que envolveram alunos de quase todas as turmas do secundário. No final deste processo, foram elaboradas sete Projetos de Recomendação. Estes foram apresentados e discutidos na Sessão Escolar que se realizou no passado dia 21 de janeiro, que antecedeu a votação dos alunos para escolha do Projeto que representou o Valsassina na fase regional.

O projeto vencedor é representado pelos alunos **Mafalda Gomes, Madalena Carvalho, Rita Pinto e Gil Oliveira**, do **12.º1A**, foi o que maior número de votos obteve, sendo selecionado para a fase regional.

PROJETO DE RECOMENDAÇÃO

Exposição de Motivos

Se o Litoral e o interior de Portugal estão separados por pouco mais de 100 km, porque é que existem entre ambos contrastes tão acentuados? Efetivamente, enquanto o litoral e o estilo de vida que o caracteriza parece florescer, assiste-se atualmente a um gradual envelhecimento da população no Interior do país.

Historicamente, a proximidade ao mar conduziu à fixação de populações na zona litoral, uma região orientada para uma abertura económica ao exterior (via comercial preferencial). A própria tendência atual de distribuição da população corresponde à distribuição histórica. De facto, “a distribuição da população portuguesa tem registado uma tendência para uma maior concentração populacional na região litoral do País e, pelo contrário, uma dispersão humana no interior, em particular no Alentejo” (*in Geografia Descritiva*, 2008).

Contudo, tal como é referido no artigo O Litoral e o Interior, publicado a 30 de junho de 2009 no Jornal de Leiria, “Mais recentemente, a dotação de infraestruturas e serviços, a criação de emprego público e privado, uma política suportada na ideia da concentração de esforços nas zonas em que supostamente mais proveito se poderia retirar dos investimentos a fazer” e a própria localização maioritária das vias de comunicação no litoral contribuiu para agravar ainda mais esta situação.



Durante a Sessão Escolar do Parlamento dos Jovens foram apresentados e discutidos sete projetos de recomendação, tendo sido envolvidos alunos do 10.º, 11.º e 12.º ano.

No mesmo artigo, é referido que a “lógica política também ajudou: investe-se onde há votantes na esperança de que estes retribuam a atenção dos governos.” O ciclo da desertificação do interior é assim fomentado incessantemente.

O Interior é rico em recursos naturais, recursos do subsolo e dotado de um vasto património material e imaterial. Mas, e se o verdadeiro problema não reside nos territórios em si, nem nas oportunidades que cada um deles oferece, mas sim naquilo que se convencionou socialmente ser o aceitável? Talvez a resposta não resida na transformação dos locais já existentes, mas sim na divulgação e aproveitamento das suas potencialidades.

O Interior possui condições bastante atrativas para o setor agrícola. Contudo, a nível nacional, a população ativa agrícola também diminuiu bastante, devido à modernização da agricultura, à redução do número de explorações e à atração exercida por outros setores, maioritariamente localizados no litoral de Portugal. A agricultura tem vindo, assim, a desaparecer, fazendo com que a quantidade de postos de trabalhos gerada pelo setor primário seja consequentemente menor. De facto, o peso do setor primário na riqueza gerada no País tem vindo a diminuir gradualmente: pesava 10% do valor acrescentado bruto (VAB) em 1986 e 2.1% em 2011 (Diário de Notícias, 29 de julho de 2013).

Em suma, são diversos os desafios colocados à diminuição das assimetrias entre o litoral e o interior. Através deste projeto, espera-se contribuir para o equilíbrio entre estes territórios e estimular o aproveitamento dos recursos endógenos do interior.

MEDIDAS PROPOSTAS

1. Incentivo ao consumo de produtos portugueses.
2. Reforço da qualidade da oferta dos estabelecimentos universitários de via tradicional e desportiva no Interior.
3. Valorização da plataforma VisitPortugal através do melhoramento da sua app e da criação de rotas turísticas.



educar para a cidadania

Projeto Justiça para todos

Ana Paula Oliveira Professora de Educação para a Cidadania



No espaço da disciplina de Cidadania foi realizado um trabalho, inserido no projecto *Justiça para Todos*, que teve como objetivo a formação dos alunos para o papel do Direito e da Justiça, através de aprendizagens básicas que possibilitaram reforçar o valor da participação cívica, informada e responsável do jovem cidadão.

Os casos escolhidos: Redes sociais – *Racismo e Xenofobia e Tráfico de Seres Humanos*, foram apresentados num “juízo” que teve lugar no Tribunal de Loures.

Justiça para Todos

Este ano letivo, ao invés de se participar no projeto do Parlamento dos Jovens, decidiu-se que as turmas de Economia e Humanidades do 10º e 11º anos deveriam dar início a uma nova iniciativa designada por “Justiça para Todos”.

Penso que foi uma experiência bastante gratificante para todos os alunos, uma vez que nos colocou em contacto com um mundo que a maior parte desconhecia e, para além disso, fez-nos debruçar sobre um caso em particular, obrigando-nos a estudá-lo minuciosamente, como se de advogados nos tratássemos, e a construir conjeturas sobre os distintos intervenientes do episódio descrito. Aliás, defendo que os projetos como este deveriam continuar a ser estimulados, de maneira a que os alunos mais versados para a área do Direito se possam sentir preparados e se verifiquem, ou não, capazes de desenvolver algumas das principais bases para encetar no mundo da advocacia, da magistratura ou mesmo no mundo da Gestão e da Economia, mundos que requerem um nível de persuasão considerável.

Para terminar, gostaria de frisar que a “Justiça para Todos” se converteu numa mais-valia para os alunos participantes, motivando-os a deslindar uma nova faceta ou mesmo confirmando a apetência e perfil de alguns nesta área. São trabalhos como este que preenchem a vida académica de um aluno e que garantem uma maior consciencialização das várias ramificações do Direito em Portugal, que continuam a gerar uma grande controvérsia e especulação nos dias de hoje. “Justiça para Todos” consagrou-se pela apresentação de importantes linhas gerais para uma compreensão mais detalhada das leis jurídicas e, inclusivamente, logrou desmistificar a própria conotação negativa a que a Justiça é frequentemente sujeita. Tal como Abraham Lincoln uma vez disse: “Só tem o direito de criticar aquele que pretende ajudar”. A meu ver, todos nos devíamos pautar por enunciados como este, pois só assim poderemos saber realmente se o nosso discernimento está a regular-se, em prol de um bem maior ou se estamos implicitamente a ceder a meros caprichos irrelevantes para a ação do Direito.

Cláudia Marques 11º3

Rankings 2015

A Matemática continua a dominar no básico e no secundário, com grande relevo no concelho de Lisboa: Valsassina nos primeiros lugares no 4º, no 6º ano e no Secundário.

Publicamos nesta edição da Gazeta as classificações médias obtidas pelo Colégio Valsassina e as médias nacionais dos exames dos 4º, 6º, 9º, 11º e 12º anos, com especial destaque no concelho de Lisboa e também a nível nacional. Todos os dados têm como fonte o Programa ENES do Ministério da Educação.

Ranking a nível do Concelho de Lisboa

Classificação Geral -
1º lugar no 4º e 6º ano e 7º
lugar no secundário.
Matemática - 1º lugar no 6º
ano e 2º lugar no 4º e 12º
ano
Português - 1º lugar no 6º
ano e 8º no 12º ano

Nos exames do 11º e 12º
ano têm destaque no
concelho de Lisboa:
Geometria Descritiva - 2º
lugar
Economia A e geografia A -
4º lugar
Física e Química - 8º lugar
Biologia e Geologia - 9º
lugar

A nível nacional desta-
camos os resultados dos
alunos no 4º e 6º ano.
4º ano - 14º no geral e 2º em
Matemática
6º ano - 3º no geral e
em português e 8º em
Matemática
Secundário - 11º e 12º ano:
• 4º em Matemática
• 7º em Economia A
• 5º em GD

4º Ano de Escolaridade

| DISCIPLINAS | NOTA MÉDIA DO EXAME | |
|-------------|---------------------|----------|
| | Valsassina | Nacional |
| Matemática | 82.2% | 59.6% |
| Português | 78.1 % | 65.6% |

6º Ano de Escolaridade

| DISCIPLINAS | NOTA MÉDIA DO EXAME | |
|-------------|---------------------|----------|
| | Valsassina | Nacional |
| Matemática | 82,1% | 51% |
| Português | 83.2% | 59,5% |

9º Ano de Escolaridade

| DISCIPLINAS | NOTA MÉDIA DO EXAME | |
|-------------|---------------------|----------|
| | Valsassina | Nacional |
| Matemática | 3,71 (72.16%) | 58% |
| Português | 3,65 (71,77%) | 48% |

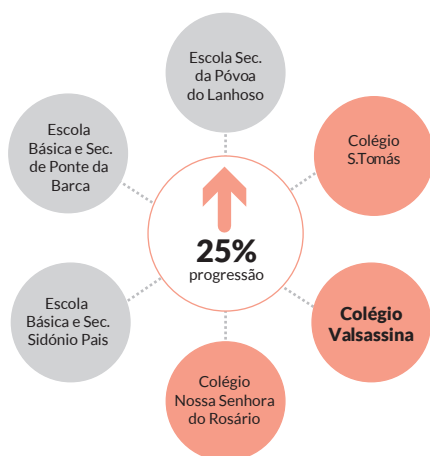
11º e 12º Anos de Escolaridade (só alunos internos)

| DISCIPLINAS | NOTA MÉDIA DO EXAME | |
|---------------------|---------------------|----------|
| | Valsassina | Nacional |
| Matemática A | 165 | 120 |
| Português | 131 | 110 |
| GD A | 180 | 122 |
| Biologia e Geologia | 109 | 89 |
| Economia A | 149 | 115 |
| Física e Química A | 126 | 99 |
| Geografia A | 137 | 112 |

educar para a qualidade e excelência

Colégio Valsassina entre as seis escolas onde os alunos progredem muito mais do que os do resto do país

Progressão dos alunos a Português e Matemática, entre o 9.º e o 12.º ano



Escolas com as 25% progressões mais altas, simultaneamente em Português e Matemática, todos os anos (2011/12 a 2014/15)

Este ano o Ministério da Educação (ME) desenvolveu um novo indicador da progressão dos alunos que distingue quem fez o quê com os seus estudantes. A partir deste, é possível verificar que umas escolas “puxam os seus alunos para cima”, ou seja, fazem-nos progredir muito mais do que a média. Outras escolas fazem o contrário: deixam que os seus alunos sejam bastante ultrapassados.

Este indicador de progressão compara os resultados que os alunos obtiveram nas provas nacionais no final de cada ciclo de ensino com os resultados que os mesmos alunos tinham obtido nas provas nacionais no fim do ciclo anterior. Uma escola que está nas 25% progressões mais altas significa que fez os seus alunos progredirem muito acima da média.

De acordo com este estudo, apenas seis secundárias estiveram sistematicamente, nos últimos anos, no “top 25” das que apresentam maiores progressões, simultaneamente nos exames de Português e de Matemática. São as que têm os alunos que mais evoluem entre o 9.º e o 12.º ano, em comparação com a média dos alunos do resto do país.

Três delas são públicas: Secundária da Póvoa de Lanhoso; Básica e Secundária Sidónio Pais, em Caminha; e Básica e Secundária de Ponte da Barca. E três são privadas: Colégio São Tomás, em Lisboa; **Colégio Valsassina**, também em Lisboa; e Colégio de Nossa Senhora do Rosário, no Porto.

Entre 2011 e 2015, estas seis escolas (que representam cerca de 1% das 576 secundárias públicas e privadas para as quais existe este tipo de dados) não se limitaram a conseguir que os seus alunos “crescessem”, em termos de desempenho nos exames finais de Português e de Matemática. Elas conseguiram que eles evoluíssem muitíssimo mais do que a média — “puxaram-nos sempre para cima” para usar uma expressão de João Baptista, subdiretor da Direcção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, quando, no início do ano, apresentava aos jornalistas o novo indicador. E fizeram-no não num ano, nem em dois, mas em cada um de todos os anos em análise, sem excepção. É isso que as distingue.

Adaptado de Público (<http://www.publico.pt/sociedade/noticia/ha-seis-escolas-onde-os-alunos-progridem-muito-mais-do-que-os-do-resto-do-pais-1716964>).

Quadro de Honra 1º P, 2015/16

Do quadro de honra fazem parte os alunos que, no final de cada período, apresentem excelentes resultados escolares (média de 5 no ensino básico e de 17 valores no ensino secundário), quer no domínio curricular quer no domínio dos complementos curriculares. Devem apresentar também um bom comportamento.

| 5º ANO | | | 11º ANO | | |
|---------|---|--------|---------|--|--------|
| 4562 | Ricardo Silva Abrantes | 5º A | 3579 | Joana Lima Grilo Fernandes da Silva | 11º 1A |
| 4585 | Inês Maria Rosado Paixão | 5º A | 3869 | Ana Machado Luís | 11º 1A |
| 5054 | Pedro Nuno Guerreiro Machado | 5º A | 3937 | Joana dos Santos Nobre da Costa | 11º 1A |
| 4682 | Simão dos Santos Rodrigues da Silva | 5º B | 3939 | João Marques Pereira Nicolau | 11º 1A |
| 5136 | Catarina Sofia Paiva e Silva | 5º C | 4702 | Beatriz da Cruz G. Rodrigues Gaspar | 11º 1A |
| 5347 | Madalena de Castro Teófilo Baptista Filipe | 5º C | 4706 | Catarina Castro Gaspar Cortesão Correia | 11º 1A |
| 5716 | Nayir Karim Gulamhussen Rajabali | 5º D | 4777 | Miguel Costa Reis Cunha Neto | 11º 1A |
| 6º ANO | | | 12º ANO | | |
| 4401 | Rafael Gueifão Cruz | 6º A | 3376 | Mariana S. Espada Venâncio Carrasco | 12º 1A |
| 4427 | Maria Teresa da Costa e Ervideira Coalho | 6º A | 3390 | Martim Henrique dos Santos V. A. Nabais | 12º 1A |
| 4370 | Joana Alves Pereira de Ferreira Monteiro | 6º B | 3393 | Mafalda Viegas Dias Gomes | 12º 1A |
| 5194 | Inês Madeira de Almeida Ribeiro | 6º B | 3640 | Mário Gil Poiares Rodrigues de Oliveira | 12º 1A |
| 4808 | Inês Pereira Poiares Mourinho Félix | 6º C | 3751 | Rita Lopes da Costa Marques Pinto | 12º 1A |
| 5589 | Afonso Machado Madeira | 6º C | 3875 | Marta F. Velosa Silva Zambujal de Oliveira | 12º 1A |
| 5517 | Maria Madalena Marques Pires de Carvalho Pastilha | 6º D | 4505 | Artur Oliveira Fortunato | 12º 1A |
| 5614 | Miguel Velho Cabral da Rocha Henriques | 6º D | 4536 | Madalena Soares F de Jesus Carvalho | 12º 1A |
| 5701 | Rita Veloso Simões | 6º D | 4580 | João Pedro Vicente Ribeiro Esteves da Rosa | 12º 1A |
| 7º ANO | | | 4672 | Ulisses Miguel Velasques R. S. Ferreira | 12º 1A |
| 4234 | Duarte Rebelo de São José | 7º A | 5932 | Maria Inês Nóbrega Marques da Silva | 12º 1A |
| 4242 | Sofia Correia Braz Lopes Simas | 7º A | 3359 | Duarte José Rodrigues Mendes da Silva | 12º 1B |
| 4540 | Joana Ordaz Silveira Leitão | 7º A | 3735 | César Manuel Caldeira de Sousa | 12º 1B |
| 4556 | Vera Godinho Ferraz Leal | 7º A | 3922 | Miguel Micaelo Bengala | 12º 1B |
| 4584 | Maria Inês Dias Portela Caldeira | 7º A | 4147 | Joana Miranda Salreu Martinho | 12º 1B |
| 4670 | Inês Maria dos Santos Rodrigues da Silva | 7º A | 4870 | André Antunes Rodrigues | 12º 1B |
| 4830 | Rui Miguel de Sá Vilarça Venâncio Martins | 7º A | 5459 | Tomás Calado Franco | 12º 1B |
| 5195 | Inês Lourenço Galvão | 7º A | 5483 | Aisha Ismail Ahmad | 12º 1B |
| 4258 | Francisca Machado Luís | 7º B | 3378 | Maria Inês Veloso Gago da Graça | 12º 2 |
| 5428 | Maria Carolina Brito Caiado Correia Alemão | 7º B | 4569 | Maria Soares de Almeida | 12º 2 |
| 5447 | Carolina Filipa de Silveira Carreiro | 7º B | 4586 | Ana Clara do Carmo St. Aubyn | 12º 2 |
| 5941 | Guilherme Pinto Martins Candeias | 7º C | 4606 | Maria João Pessoa de Araújo Sales Sancho | 12º 2 |
| 5420 | Maria Joana Facha Loureiro de Brito | 7º D | 4629 | Marta Almeida Martins | 12º 2 |
| 8º ANO | | | 5045 | Maria Carolina Osório Gonçalves | 12º 2 |
| 4013 | Ana Sofia Torre Amaral | 8º B | | | |
| 5312 | Mariana de Andrade L. Alves da Fonseca | 8º B | | | |
| 9º ANO | | | | | |
| 5131 | Maria Leonor Miguel Neto | 9º A | | | |
| 3892 | Duarte Tomás Cardoso Rézio Martins | 9º B | | | |
| 5656 | Giovanna Navarro Miotto | 9º B | | | |
| 3895 | Francisco Gameiro da Costa Martins Pedro | 9º C | | | |
| 4266 | João Pedro Morgado Centeno | 9º C | | | |
| 5822 | Berke Duarte dos Santos | 9º C | | | |
| 5079 | Teresa Santos Costa Cabral | 9º D | | | |
| 10º ANO | | | | | |
| 3697 | Beatriz Pinto Correia Cardoso e Cunha | 10º 1A | | | |
| 3703 | Carolina Viegas Dias Gomes | 10º 1A | | | |
| 3714 | Joana Santos Pereira dos Reis | 10º 1A | | | |
| 4291 | Francisco Henriques Botelho S. Alves | 10º 1A | | | |
| 4910 | Mariana Almeida Martins | 10º 1A | | | |
| 4970 | Afonso Morgado Mota | 10º 1A | | | |
| 5633 | Bernardo José Soares Alves | 10º 1A | | | |
| 5872 | Maria Ribeiro Vicente Perfeito Carreira | 10º 1A | | | |
| 5015 | Guilherme M. Borges Fernandes Barroca | 10º 2 | | | |

Sob o tema “Memória”, ponto central no projeto que nos propusemos trabalhar, vamos iniciar uma série de entrevistas através das quais procuraremos reavivar memórias e lembranças do Colégio.

O objetivo destas entrevistas é tentar chegar a todos, através de histórias contadas na 1ª pessoa e dar a conhecer algumas realidades diferentes que cada geração viveu no Valsassina.

Alunos, professores, funcionários, direção, todos fazem parte desta história que conta já com mais de um século e, ao longo das histórias que iremos ouvir de cada um destes intervenientes, de uma forma aleatória, temos a certeza que nos vamos identificar com todas elas. É o espírito da Família Valsassina.

Esta nossa primeira entrevista é com alguém que trabalhou no início da Quinta das Terezinhas e que acompanhou tantos alunos ao longo dos 45 anos que esteve no Colégio. É presença assídua nos Almoços dos Antigos Alunos e revê-lo traz-nos sem dúvida muito boas recordações.

Sr. Adão, como é que veio trabalhar para o Valsassina?

Entrei no Valsassina através do Dr. Pinto da Silva. Somos filhos da mesma terra, Penafiel, e ele muito amigo do meu pai, que na altura lhe perguntou se não arranjava nada “aqui para o meu rapaz”. Em 1959, quando cheguei, estavam a terminar as obras no pavilhão do internato, no liceu e na infantil. Os primeiros 15 dias foram passados a fazer a mudança das instalações da Av. António Augusto de Aguiar para a Quinta das Terezinhas.

E qual foi a sua primeira função?

Acompanhava o internato. Estava com os alunos de manhã à noite e dormia no Colégio. Eram 24 horas com eles.

Como é que recorda os tempos em que entrou para o Colégio?

Foram tempos difíceis, pois estava a adaptar-me a nova vida, longe de casa e da família e, lidar com gente jovem não era fácil. Os alunos vinham de longe e todas as suas dificuldades, os seus problemas, passavam por nós. Só nos tinham a nós. Era dia e noite. Inclusive, muitos passavam as férias no Colégio e as férias grandes na colónia de férias.

Como era a sua relação com os alunos?

Era boa. Nos primeiros tempos tentámos sempre ter um bom relacionamento com todos. Por vezes tínhamos que nos impor e eles não gostavam muito... mas tinha que ser. Nos tempos pós internato, foi uma mudança grande, mesmo em termos de horários, e a permanência no Colégio já não era tão grande e as responsabilidades do internato já não existiam.

A relação com os alunos sempre foi boa, daí ter criado esta relação que mantenho com todos os antigos alunos.



E alcunha, tinha alguma?

Não, não me lembro. Era o Adão!

Nota alguma evolução nos alunos desde os tempos em que entrou para o Colégio até à altura em que saiu? Em quê?

Sim, evoluiu muito a tecnologia, o que se traduz num conhecimento mais rápido do que antigamente. Os alunos começaram a ter acesso a tudo, as coisas boas a as más também.

Quem são os colegas que mais lembra?

Sr. António, o Quintas, o Lopes, o Rocha, a Maria Augusta, a Auzenda, a Maria do Carmo, a Sofia, o Cunha..... e tantos, tantos outros....

O que mais o marcou durante o tempo em que esteve no Colégio?

O que mais marcou foi o crescimento que o Colégio teve. Entrei com aproximadamente 400 alunos, e chegámos a cerca de 1400. Marcou-me também nesta evolução ver que os alunos sempre mantiveram o respeito pelo Dr. Frederico Valsassina, pela disciplina mas também por todo o carinho que tinham por ele.

Também para todos nós, o Dr. Frederico foi uma figura muito marcante. A amizade e a forma como lidava connosco era sincera, aberta e respeitadora.

Para mim foi um segundo pai.

Há algum episódio engraçado ou marcante que queira recordar?

No tempo do internato era eu que acompanhava os pais na visita ao colégio. Percorria todas as instalações. Começava no Pátio da Estrela, passava ao refeitório, lavandaria, internato, liceu e as suas salas e laboratórios, e terminava no ginásio grande.

O episódio que mais me marcou foi a visita de um pai, que veio do Alentejo e que queria inscrever os dois filhos no internato. Ao entrar no ginásio, admirando o seu tamanho, diz: “Eh pá...que rico palheiro!!!!”

Agradecemos ao Sr. Adão este fantástico testemunho, mas tanto que ficou por contar.

colégio em ação **Semana do Património**

Patrícia Avôes e Patrícia Branco Professoras de Geografia



Segundo a Comissão Nacional da UNESCO “O património cultural e natural faz parte dos bens inestimáveis e insubstituíveis de toda a humanidade. A perda, por degradação ou desaparecimento, desses bens preciosos constitui um empobrecimento do património de todos os povos do mundo”.

Neste sentido, decorreu no Colégio Valsassina, de 11 a 15 de janeiro, a Semana do Património onde se procurou divulgar junto dos alunos os diferentes tipos de Património, em especial o que já foi declarado em Portugal como Património Mundial pela UNESCO devido ao seu valor universal excepcional, assim como apelar à participação ativa de todos na sua preservação.

A Exposição “Dar um futuro ao passado” tornou-se o foco central desta dinâmica, uma vez que alertou para a importância de salvaguardar o património material e imaterial do nosso país, sendo ainda enriquecida pela exposição dos trabalhos dos alunos de 5ºano de Educação Visual que reproduziram diversos monumentos nacionais através de colagens de diferentes formas geométricas.

Os alunos tiveram ainda a oportunidade de assistir a diversas conferências, dinamizadas pelo **Dr. João Seixas** (Património das Cidades), pela **Dra. Patrícia Reis** (Património da Língua e da Literatura), pelo **Dr. Augusto Moura Brito** (Património Arqueológico), pelo **Arq. Frederico Valsassina** (Património Arquitetónico e da Construção) e pelo **Eng. João Pedro Silva** (Património Subaquático).

A animação dos intervalos esteve a cargo do Coro Infantil e do Grupo Coral do Colégio Valsassina que apresentaram um repertório de músicas portuguesas.

A Semana do Património decorreu de uma organização conjunta dos grupos disciplinares de Ciências Naturais, Educação Musical, Educação Visual, Geografia, História, Informática e Língua Portuguesa.



Conferência sobre Património das Cidades, dinamizado pelo Dr. João Seixas



Semana das línguas 2016

A Semana das Línguas decorreu entre 25 e 29 de janeiro, com atividades muito variadas que a tornam realmente uma autêntica festa, em que a Língua portuguesa convive com a inglesa, espanhola e francesa, exemplificando aquilo que valorizamos como multilinguismo cultural.

Nesta semana, procurámos transmitir, de forma divertida, sem deixar de ser pedagógica, que a aprendizagem das línguas nos torna melhores cidadãos, conscientes deste património imaterial, multilinguístico e multicultural.

Foram várias as atividades realizadas, envolvendo alunos de todos os ciclos de ensino, entre as quais destacamos:

- Trava línguas e adivinhas. **Português. Jardim de Infância**
- *Once upon a time story telling activities*. **Inglês. Jardim de Infância**
- Leitura de excertos de livros. **Português. 1º e 2º ano**
- Declamação de Cantigas de Amigo (Época de D. Dinis). **Português. 4º ano**
- O desafio das Línguas. **Inglês e Espanhol. 7º ano**
- Concurso de ditado. **Português. 5º ano**
- *Jeux de rôles*. **Francês. 8º ano**
- *Juego de roles*. **Espanhol. 8º ano**
- *How fast can you do it?* **Inglês. 5º e 6º ano**
- Os Estereótipos - Como nos vemos?; O que é? Quem é Quem? **Espanhol e Francês. 9º ano**
- Os filhos convidam os pais: “O livro da minha infância”. **5º ano**
- Recital de poesia. **Português 12º ano**



Semana das Línguas: Inglês no jardim de infância e no 1º ciclo

Patrícia Mendes Professora de Inglês

No Jardim de Infância, no âmbito da língua inglesa, foram realizadas atividades de reconto de histórias/*storytelling activities* com o objetivo de despertar a curiosidade para a leitura/audição de livros. Os alunos fizeram o reconto oralmente e através de desenhos (*Story Wall*), variando essas atividades entre a antecipação do final da história (*What's next?*), a dramatização ou a elaboração de *minibooks*.

No 1º ciclo, as turmas do 1º ano participaram no jogo “*Quiz for you*”, em que foi testado o vocabulário em inglês, de forma lúdica.

Foi realizado um “*Cookery workshop*” em que as crianças do 2º ano de escolaridade aprenderam a fazer “*pancakes*”. Esta atividade procurou reforçar o vocabulário e assinalar uma data festiva da cultura inglesa: “*Shrove Tuesday*”.

Os alunos do 3º ano participaram no concurso “*Busy Bees*”, onde foi testada a sua capacidade de soletrar palavras perante um júri constituído por várias professoras. Os vencedores foram: **Vera Paixão 3.ªA**, **Leonor Enguiça 3.ªB** e **Diogo Ferreira 3.ªC**.

Por último, as turmas de 4º ano participaram no desafio: “*Who wants to be a millionaire?*”, um jogo onde foram testados alguns conhecimentos da língua e da cultura inglesas.



aconteceu...

Janeiras no dia dos Reis Magos

No dia 6 de Janeiro os alunos de Música da **turma 5°C**, da professora **Vanessa Freitas**, e os alunos de Espanhol, **das turmas 7ªA e 7ªB**, do professor **Juan Prado**, juntaram-se para cantar as Janeiras a toda a comunidade escolar em diversos espaços do Colégio.

Foi parcialmente adaptado a português um villancico (música natalícia) popular espanhol, celebrando desta forma não apenas o dia de Reyes Magos e o começo do ano, mas também as tradições natalícias e culturas musicais veiculadas por estas duas línguas ibéricas.

Marcha simbólica pela sustentabilidade

2016 é o Ano Internacional do Entendimento Global. Pretende-se promover um melhor entendimento sobre o impacto global das ações locais, estimulando iniciativas e comportamentos que respondam a desafios globais, como as mudanças climáticas.

Como forma de assinalar o trabalho que temos desenvolvido, enquanto Eco-Escola, reunimos a comunidade escolar na cerimónia do Hastear da Bandeira Verde.

Este ano lectivo optámos por realizar esta cerimónia em janeiro, no dia 19, de modo a passar a mensagem que em 2016 pretendemos assumir de forma (mais) activa a nossa responsabilidade individual e colectiva para com a sustentabilidade.

Na sequência da recente manifestação em Paris, aquando da Cimeira do Clima, desafiámos todos a trazer um sapato e a deixar uma mensagem, formando deste modo uma marcha simbólica pelo Valsassina.

Alunos do colégio participam em workshop no British Council

No passado dia 17 de janeiro, os alunos **Rita Miranda (11º 1A)**, **César Sousa (12º 1B)**, **Nelma Francisco (11º 3)**, **Mafalda Gomes (12º 1A)**, **Miguel Crespo (11º 1B)** e **Mário Gil Oliveira (12º 1A)** participaram num workshop seguido de competição de Debate que decorreu no British Council durante todo o dia.

Os alunos formaram equipas de pares que ao longo do dia debateram os seguintes temas: **Educação** - *deverão as turmas ser formadas por níveis de desempenho, ou, pelo contrário, os alunos deverão continuar a ser agrupados por idade?* **Feminismo** - *deverão os movimentos feministas aceitar colocar homens, desde os níveis mais baixos aos níveis mais elevados da hierarquia, nas suas organizações?* **Media**: *a TV está a desaparecer por causa da internet?*

Estiveram presentes alunos de outras escolas do país.

As professoras de inglês, **Liliana Moreira**, **Inês Ferraz** e **Ana Paula Gouveia** acompanharam os alunos. O nosso aluno, **Mário Gil Oliveira**, ficou na **2ª posição** exaequo com outra aluna da Oeiras International School, na lista ordenada dos participantes classificados individualmente.

Filhos convidaram os pais a apresentar “O livro da minha infância”

No âmbito da semana das línguas, que decorreu entre 25 e 29 de janeiro, estiveram presentes, nas salas de aula do **5º ano**, pais, mães, tios, padrastos.

Com entusiasmo e alegria, todos contaram aos filhos a história de um livro que os marcou durante a sua infância.

Alunos do 3ºano participaram nas Mini-Olimpíadas da Matemática

No dia 26 de janeiro os alunos do 3º ano participaram nas Mini-Olimpíadas da Matemática, promovidas pela Associação Portuguesa de Matemática. A iniciativa consiste num concurso de problemas de Matemática, dirigido aos alunos do 3º e 4º anos do 1º ciclo do Ensino Básico e visa criar e desenvolver o gosto por esta disciplina nos primeiros anos de escolaridade. Os problemas propostos fazem, sobretudo, apelo à capacidade de raciocínio e imaginação do aluno.

Destacamos os alunos que ficaram classificados em 1º lugar em cada uma das turmas:

- **3º A – Gonçalo Cruzeiro**
- **3º B – Vasco Rosa**
- **3º C – Diogo Ferreira**



aconteceu...



Alunos do 10º ano participaram num encontro com a escritora Beatriz Lima

A jovem escritora **Beatriz Lima** veio ao Colégio falar da sua experiência de escrita e de leitura aos alunos do 10º ano, no passado dia 1 de fevereiro.

Aos 13 anos escreveu o seu 1º romance, *Anjo de Cristal*, que publicou dois anos mais tarde, e, mais recentemente o segundo, *Dependo de Ti*, em 2014.

O entusiasmo e a clareza de Beatriz Lima prenderam a atenção dos alunos que fizeram muitas perguntas sobre o processo da escrita, o seu gosto pela leitura e o sucesso da apresentação dos seus livros para um público juvenil, em Escolas Secundárias e em Livrarias conceituadas.

Alunos do 8º ano exploraram a “Lisboa das Descobertas”

Os alunos do 8º ano passearam pela Lisboa das Descobertas, realizando aprendizagens enriquecidas pela visão real do património português.

A participação num peddy-papper no Mosteiro dos Jerónimos, a análise dos mapas e desenhos que retratam a época, um almoço à beira Tejo e a pintura de um azulejo no antigo Mosteiro da Madre de Deus (agora Museu do Azulejo) foram alguns dos momentos que tornaram este dia memorável. A viagem terminou em casa, através da escrita de um texto (narrativo ou diário) em que imaginaram ser um personagem do séc. XVI por um dia.

Alunos do 3º ano participaram num encontro com a escritora Teresa Coutinho

No dia 3 de fevereiro os **alunos do 3º ano** tiveram oportunidade de se encontrar com a escritora **Teresa Coutinho**, que lhes explicou a razão pela qual escreveu o livro "Maria, a alegria na diferença" e lhes apresentou as personagens. No final, autora e personagens autografaram o livro.

Sessão de poesia com os poetas e editores Diogo Vaz Pinto e David Teles Pereira

No passado dia 5 de fevereiro decorreu no Anfiteatro do Colégio uma sessão de poesia, intitulada "A poesia é uma língua morta". Os poetas e editores **Diogo Vaz Pinto** e **David Teles Pereira** trouxeram aos alunos de **11º ano** alguma da sua poesia contemporânea de eleição, sublinhando a importância da curiosidade e do pensamento crítico no processo de descoberta poética.

Alunos do 5º ano participaram num encontro com a escritora Isabel Alçada

No dia 15 de fevereiro, as **turmas do 5ºA e 5ºD** encontraram-se com a autora **Isabel Alçada** para partilhar o gosto pelos seus livros bem como trabalhos realizados sobre as suas obras. Foi um encontro em que os alunos mostraram um grande interesse e uma elevada participação.

Partilha de experiências do projeto ecoValsassina em ciclo de formação para professores

Integrado no ciclo de formação para professores do ensino básico e secundário, o Centro de Formação António Sérgio, organizou no dia 17 de fevereiro o seminário "Educação Ambiental: Que trajetos e que desafios?". No painel "A voz da escola", o Colégio Valsassina foi convidado a apresentar a experiência no âmbito do projeto ecoValsassina/Programa Eco-Escolas. A comunicação foi apresentada pelo professor João Gomes, coordenador deste projeto.

Alunos do Valsassina participaram em concurso de tradução da Universidade Católica

No dia 17 de fevereiro, 23 **alunos do 11º ano** participaram no Concurso Traduzir, da Universidade Católica. Esta iniciativa tem como objetivo valorizar a Tradução e promover o gosto pelas línguas e pela escrita nos jovens do Ensino Secundário.

No Valsassina, esta atividade foi dinamizada pelas disciplinas de Espanhol e de Inglês. Foi mais um desafio às competências linguísticas dos nossos alunos e uma experiência muito enriquecedora.

aconteceu...



Exposição de trabalhos de alunos do 9.º ano sobre a Evolução do Modelo Atómico

No âmbito do estudo da unidade – Classificação dos materiais (Estrutura atómica), na disciplina de **Física e Química**, foi pedido aos alunos que construíssem representações a 3D dos diferentes modelos atómicos. Espera-se assim que os alunos tomem consciência dos principais marcos históricos na evolução do modelo atómico.

Os projetos foram realizados em 4 aulas (de 45 minutos) entre janeiro e fevereiro e ficaram expostos no átrio do liceu entre 26 de fevereiro e 4 de março.

Valsassina recebeu Inspiring Future no dia 9 de março

A Associação Inspirar o Futuro é uma associação juvenil sem fins lucrativos com o objetivo de desenvolver projetos inovadores na área da educação juvenil. Esta associação foi responsável pela apresentação no Valsassina do Inspiring Future, no dia 9 de março. Durante este dia, decorreu uma Feira de Universidades que contou com a presença de mais de 40 instituições de ensino superior, onde os alunos (sobretudo os finalistas do 12.º ano) puderam conhecer melhor várias propostas de cursos universitários. Além disso, decorreram três sessões sobre os temas: Acesso ao Ensino Superior; Study Abroad (sobre estudar no estrangeiro); e “Como sobreviver de salto alto e gravata (dedicada à preparação para o mundo do trabalho).

Todas as informações sobre este projeto estão disponíveis em <http://inspiringfuture.pt/>

Alunos do Valsassina participaram em Olimpíadas da Biologia, Biotecnologia, Filosofia e Português

- Mais uma vez os alunos do Valsassina foram desafiados a participar nas **Olimpíadas de Biologia**. No dia 6 de janeiro participaram cerca de 35 alunos do secundário (categoria sénior) na primeira eliminatória. Para a mesma eliminatória, no dia 3 de fevereiro, participaram 94 alunos do 9.º ano (categoria júnior).

- No dia 17 de fevereiro realizou-se a primeira eliminatória das **Olimpíadas da Filosofia**, tendo sido apurados para a final os alunos **Miguel Bengala**, do **12.º 1B** e **Miguel Cunha** do **10.º 1B**.

- Também no dia 17 de fevereiro decorreu a primeira eliminatória das **Olimpíadas de Biotecnologia**. A aluna **Mafalda Gomes**, do **12.º 1A** ficou classificada em primeira lugar, no colégio Valsassina.

- No dia 19 de fevereiro realizou-se a primeira fase das **Olimpíadas da Língua Portuguesa** com 92 alunos do 3.º ciclo e Ensino Secundário.

Semana da Educação Física 2016

Como forma de estimular a prática do exercício físico decorreu, entre 11 e 18 de março, mais uma Semana da Educação Física. Entre as atividades realizadas, destinadas a alunos de todas as idades, destacamos os torneios inter-turmas de Futebol, Andebol e Basquetebol.

Valsassina continua a assegurar a proteção do “seu talhão” localizado no Parque Natural de Sintra-Cascais

O Colégio Valsassina iniciou no ano letivo 2009/10 uma parceria com a Cascais Ambiente através do qual foi adotado cerca de 1 hectare de terreno em pleno Parque Natural de Sintra-Cascais.

Através do projeto “Um aluno, uma árvore, um compromisso” pretendemos envolver, de forma activa, os alunos do Valsassina em ações de proteção da Natureza e da biodiversidade (por exemplo através da plantação de espécies autóctones, remoção de exóticas invasoras e limpeza do mato). Desta forma, assumimos o nosso compromisso pela sustentabilidade.

Durante o mês de fevereiro e de março as **turmas do 6.º e do 7.º ano** participaram de forma ativa neste projeto. Os alunos mostraram um grande entusiasmo e sentido de responsabilidade perante a importância de proteger o património natural.

aconteceu... no desporto



Ginástica

O Grupo de Ginástica do Valsassina dinamizou uma demonstração da modalidade para toda a comunidade escolar. Esta iniciativa que decorreu no ginásio do Valsassina, em janeiro, contou com a presença de muitos alunos, pais e familiares.

2º torneio de Voleibol de Infantis B masculinos

Realizou-se no sábado dia 16 de janeiro, no Ginásio do Colégio Militar, o 2º torneio de Voleibol de Infantis B masculinos, onde estiveram presentes os alunos/jogadores do Colégio Valsassina, que fazem parte do grupo/equipa de voleibol de infantis (11/12 anos).

No torneio, que contou com a presença das equipas que participam no campeonato distrital de Lisboa, as equipas do colégio obtiveram ótimos resultados. Durante a manhã as nossas equipas competiram de uma forma divertida, com sentido de amizade e entrelajada e bastante responsáveis com vista a obtenção de bons desempenhos e resultados tendo no final do torneio as equipas (A e B) do **colégio obtido o 1º e 3º lugar respetivamente.**

2º torneio de Voleibol de Infantis A femininos e masculinos

Realizou-se no dia 23 de janeiro, no ginásio do colégio, o 2º torneio de Voleibol de Infantis A femininos e masculinos, onde estiveram presentes os alunos/jogadores do Colégio Valsassina, que fazem parte dos nossos grupos/equipas de voleibol de infantis (10 anos).

O torneio contou com a presença das várias equipas femininas e masculinas, que participam no campeonato distrital de Lisboa, tendo as equipas do colégio revelado um desempenho muito bom, tendo obtido um 1º e 3º lugares no feminino e um **2º, 3º e 4º lugares no masculino.**

Os jogos e o convívio entre as equipas, num total de cerca de 90 alunos, foram um sucesso, presenciado por dezenas de Pais que encheram durante a manhã a galeria do ginásio, assistindo às várias jornadas.

2º torneio de Voleibol de Iniciados

No sábado, dia 30 de janeiro, realizou-se o 2º torneio de Voleibol de Iniciados, onde estiveram presentes os alunos/jogadores do Colégio Valsassina, que fazem parte do nosso grupo/equipa de voleibol de iniciados masculinos.

O torneio contou com a presença das equipas que participam no campeonato distrital de Lisboa (série A), tendo a equipa do colégio revelado um excelente desempenho, vencendo os 2 jogos realizados.

Resultados:

- C. Valsassina x AE da Boa Água = 3-0
- C. Valsassina x C. Cesário Verde = 3-0

Jogadores participantes: **Bruno Calado, Duarte Almeida, Francisco Neves, Guilherme Silveira, João Fonseca, Manuel Dionísio, Miguel Pinheiro, Pedro Branco, Pedro Gomes, Sebastião Coelho e Tiago Castro.**

3º torneio de Voleibol de Infantis A

No dia 20 de fevereiro, realizou-se no ginásio do colégio, o 3º torneio de Voleibol de Infantis A femininos e masculinos, onde estiveram presentes os alunos/jogadores do Colégio Valsassina, que fazem parte dos nossos grupos/equipas de voleibol de infantis (10 anos).

O torneio contou com a presença das várias equipas femininas e masculinas, que participam no campeonato distrital de Lisboa, tendo as equipas do colégio revelado um desempenho muito bom, tendo obtido um **3º e 5º lugares no feminino** e um **1º, 2º e 6º lugares no masculino.** Os jogos e o convívio entre as equipas, num total de cerca de 100 alunos, foram um sucesso, presenciado por dezenas de Pais.

aconteceu... no desporto



Futebol: Desporto escolar

As quatro equipas de Futebol do Colégio Valsassina, continuam em disputa pela vitória em cada uma das suas séries. Por sua vez, as duas equipas de Infantis ainda não têm qualquer derrota nem golos sofridos.

Futebol: equipa de Infantis

As duas equipas de Futebol de Infantis do Colégio venceram todos os jogos realizados no Torneio do São João de Brito, que decorreu durante o mês de fevereiro.

Futebol: escalão Escolas

A equipa de Futebol do escalão de escolas do Colégio Valsassina esteve em grande destaque no passado dia 27 de fevereiro, no torneio de Futsal do Desporto Escolar, tendo derrotado o Externato João XXIII e o Colégio Sagrado Coração de Maria.

Os Alunos do Colégio Valsassina em estão em grande destaque nas competições de Ténis do Desporto Escolar.

Pedro Gordalina Professor de Ténis

Após a realização de duas primeiras provas de Singulares do Circuito de Ténis do Desporto Escolar 2015/2016 Lisboa Cidade, os alunos do Colégio estão em grande destaque na classificação do respetivo Circuito. Na competição de Pares e de Equipas os resultados também foram excelentes como comprovam as classificações.

Parabéns a todos!

Classificação de Singulares do Circuito de Ténis do Desporto Escolar 2015/2016 - Lisboa Cidade

- **Infantis A Masculinos**

- 1º Alexandre Pinto
- 2º Martim Garcia
- 3º Guilherme Moreira

- **Infantis B Femininos**

- 1º Maria Almeida
- 2º Mafalda Lopes
- 3º Mary Lara

- **Juvenis Masculinos**

- 1º Rodrigo Vieira
- 3º André Serra

Classificação do Torneio de Ténis de Pares do Desporto Escolar 2015/2016 - Lisboa Cidade

- **Infantis A Masculinos**

- 1º Martim Garcia/Lourenço Luz
- 2º Guilherme David /Bernardo Ramos
- 3º Alexandre Pinto/Guilherme Moreira

- **Infantis B Masculinos**

- 3º Francisco Marques / Afonso Madeira

- **Infantis B Femininos**

- 1º Maria Almeida / Mafalda Lopes

Classificação de Equipas de Ténis Desporto Escolar 2015/2016 - Lisboa Cidade - Apuramento para os Campeonatos Regionais

- **Iniciados Mistos - Campeões - Colégio Valsassina**

Maria Luna Borges; Afonso Carvalho; Francisco Pedro; Pedro Dias; Eduardo Barquina; David Valente

- **Juvenis Mistos - Campeões - Colégio Valsassina**

Leonor Paim; Rodrigo Vieira; Miguel Nabais; André Serra